

DIÁRIO DE AVEIRO

SUPLEMENTO ESPECIAL

INTEGRA A EDIÇÃO N.º 682



Coordenação de:
Arménio Bajouca

Colaboraram neste trabalho:
Deniz de Ramos
Arménio Bajouca
e Carlos Rodrigues (textos)
Lurdes Rodrigues
(publicidade)

O dinamismo como padrão numa sociedade industrializada

Águeda e o seu concelho marcaram para hoje o quarto encontro com a sua EXPO que desta vez congrega também a FERREX numa manifestação da pujança de uma região e das suas gentes.

Mais do que a procura de novos mercados — que são sempre bem-vindos — estes dois certames pretendem, sobretudo, demonstrar o dinamismo, que é já o padrão de uma sociedade industrializada, e a capacidade de adaptação das empresas existentes às novas solicitações de um

mercado mais vasto e cada vez mais exigente como o que resulta num país integrado na Comunidade Europeia.

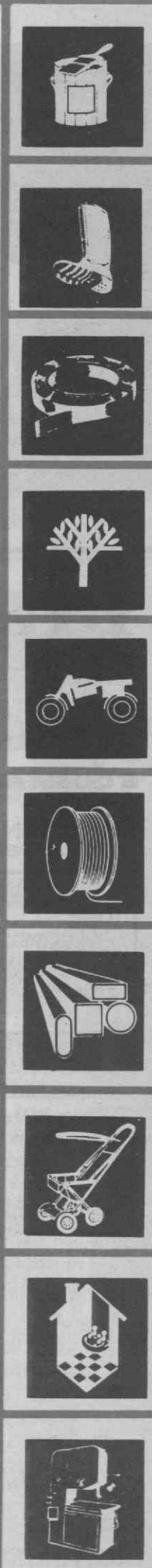
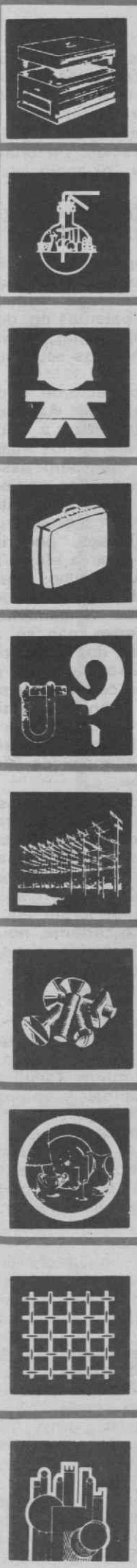
Depois de no ano passado a Expo-Águeda ter feito a apresentação do que é a Sub-Contratação, vem agora uma amostragem da indústria de ferreiros cujo peso no tecido industrial de Águeda e da região aveirense é bem significativo.

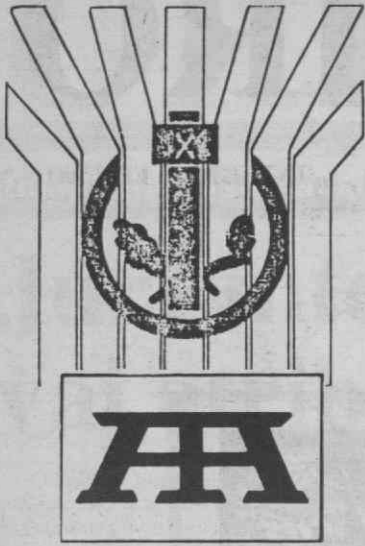
A diversificação é também uma das capacidades da Associação Industrial que tem a responsabilidade de organizar estes certames, na expecta-

tativa de não criar a rotina e proporcionar, ano após ano, mostradas cada vez mais variadas e diversificadas nos seus temas.

«Diário de Aveiro» assinala o acontecimento publicando este Suplemento que fica a constituir a contribuição possível para a valorização de uma iniciativa que é o reflexo do querer das gentes de uma região onde se não temem os riscos para qualificar o trabalho.

A quem quiser confirmar, a prova aí está!





Sem o apoio do projecto com a HWK Aachen a AIA sobreviveria com grandes dificuldades

— disse-nos o secretário-geral da AIA



«Os apoios oficiais são reduzidos», diz o dr. Castilho Dias.

Castilho Dias

O Secretário-Geral da Associação Industrial de Águeda, Dr. Castilho Dias, é um dos principais responsáveis pela novo rumo que a AIA tomou em 1986, com a integração na Expoaguada de uma mostra especializada, a Subcontrata/86, 1.º Salão Nacional de Subcontratação, certame que se saldou por um êxito assinalável. Um ano depois, com a Ferrex/87, 1.º Salão Português de Ferragens para Mobiliário e Construção Civil, é a vez do sector ferrageiro, com grandes tradições na região aguedense, patentear as suas potencialidades.

FERRAGENS: «UM SECTOR QUE ATRAVESSA UMA FASE MUITO PARTICULAR»

Castilho Dias, começaria o interessante diálogo que manteve com o nosso Jornal, apontando os motivos que levaram a AIA a organizar um certame sectorial dedicado às ferragens: «a partir do momento em que a AIA deliberou introduzir feiras especializadas na Expoaguada, tendo realizado a Subcontrata em 1986, seria lógico que o primeiro certame sectorial fosse dedicado às ferragens, não só pelos condicionamentos históricos, mas também devido à força do sector na economia local e nacional».

Prosseguindo: «O sector de ferragens atravessa uma fase muito particular no contexto da indústria portuguesa, uma vez que é um sector tradicional que vai sofrer grandes alterações com a integração do nosso país na CEE».

«ESTE ANO NÃO SERIA POSSÍVEL REALIZAR OUTRO CERTAME DE SUBCONTRATAÇÃO»

A realização de um outro certame dedicado a subcontratação, e apontado, nalguns meios, como o caminho que a AIA deveria seguir. O Secretário-Geral da organização considerou «não ser possível» seguir esse caminho: «este ano não seria possível realizar outro certame dedicado à subcontratação, por motivos relacionados com a disponibilidade dos industriais para participarem em feiras que se repetem».

Continuando, Castilho Dias afirmou: «apesar da subcontratação ser uma actividade de peso crescente em Águeda, é ainda de difícil compreensão para a maioria dos agentes económicos. A AIA realizou um grande esforço na divulgação do tema e só isso permitiu que a Subcontrata/86 avançasse. Este ano, para organizar uma segunda mostra de subcontratação, teria sido necessário fazer esforço idêntico, o que era impensável».

A SEGUIR À FERREX...

«A seguir à Ferrex/87, lógica seria a introdução de um outro tema relativo a um sector preponderante na região, como, por exemplo, a cerâmica ou a metalomecânica», adiantou-nos Castilho Dias. Prosseguindo: «para isso, os industriais terão de nos dar ideias, sem esquecer que, a partir do momento em que a AIA avançou para a realização de certames monográfi-

cos, esses projectos terão que ser levados a efeito em colaboração com as respectivas associações empresariais. No caso da Ferrex, obtivemos a extraordinária colaboração da APIFER e, nos próximos certames sectoriais teremos, certamente, o apoio das associações».

«APOIO DO PROJECTO AIA-HWK AACHEN É FUNDAMENTAL»

O projecto de cooperação existente entre a AIA e a Handwerkskammer Aachen tem vindo a oferecer frutuosos resultados, bem patentes no desenvolvimento de importantes serviços prestados pela AIA aos seus associados.

«Sem o apoio do projecto de cooperação entre a AIA e a HWK Aachen, não teria sido possível realizar a Subcontrata, em 1986, e, em termos mais globais, diria mesmo que sem esse projecto, e face aos reduzidos apoios que a AIA continua a obter das entidades oficiais, a AIA sobreviveria com grandes dificuldades, poderia até ser impedida de levar a efeito a Expoaguada», afirmou Castilho Dias. Continuando: «o apoio do projecto de cooperação é também fundamental na organização da Ferrex, não só a nível da sensibilização dos industriais, mas também, e essencialmente, a nível da divulgação do certame além-fronteiras. Refiro-me concretamente ao mercado alemão, no qual foi efectuada uma campanha publicitária directa aos agentes económicos de maior interesse».

Ainda sobre a divulgação da mostra no estrangeiro, o Secretário-Geral da AIA, teceria o seguinte comentário: «se, em certos casos, como Espanha, por exemplo, (o ICEP-Madrid teve uma acção exemplar), os organismos oficiais portugueses foram eficientes na divulgação do certame, noutros, a AIA foi obrigada a socorrer-se dos seus próprios meios».

«APOIOS OFICIAIS MUITO REDUZIDOS»

«Um projecto como a Expoaguada-Ferrex implica o dispêndio de muitos milhares de contos», refere Castilho Dias que acrescenta ainda: «esse projecto terá de ser financeiramente equilibrado. A AIA não pode custear um tostão que seja e, se possível, como no ano passado, terá que libertar meios que possam contribuir para a compra de alguns equipamentos indispensáveis ao seu bom funcionamento».

E quanto a apoios oficiais? «Os apoios dos organismos oficiais são muito reduzidos», adianta o nosso interlocutor. Prosseguindo: «certos organismos estatais ainda não se aperceberam que este projecto constitui um meio privilegiado para o estabelecimento de contactos com as empresas e os agentes económicos».

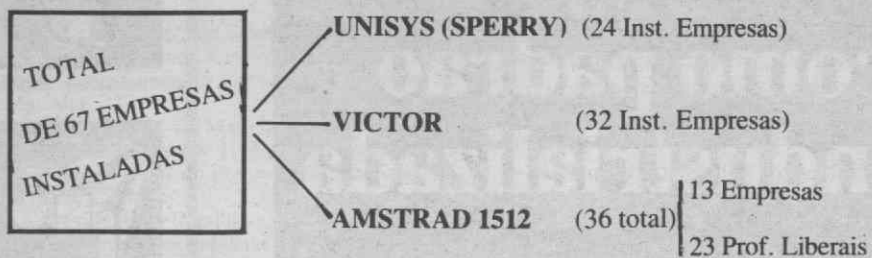
A finalizar, Castilho Dias diria: «recebemos subsídios que orçam apenas em 300 contos (200 da Câmara Municipal e 100 do Governo Civil), o que é manifestamente insuficiente atendendo às características deste projecto. Quero realçar que a Câmara Municipal executou algumas obras nos acessos ao pavilhão de exposições».

rial — Representação de Informática de Águeda, Ld.^a

Rua Dr. Manuel Alegre, 36 / Telef. 623897
3750 ÁGUEDA

A DIFERENÇA ENTRE QUEM SABE O QUE FAZ E QUEM FAZ O QUE SABE

REPRESENTANTES OFICIAIS:



— Impressoras UCHIDA — SEIKOSHA — SPERRY — AMSTRAD
— Plotter ROLAND/Mesas Digitalizadoras
— Terminais WYSE
— Unidades de Alimentação Estabilizada Ininterrupta

SOFTWARE:

— DE GESTÃO

Contabilidade Geral e Analítica
Salários
Facturação
Stocks
Tesouraria

DA NOSSA REPRESENTADA
«INFOLOGIA»

— GESTÃO CARTEIRA ENCOMENDAS
— CONSTRUÇÃO CIVIL/CONTROLO DE OBRAS
— AUTOCAD
— SOFT INTERNACIONAL
— SOFT POR ENCOMENDA

Consulte-nos...

Nós ajudá-lo-emos a encontrar a solução ideal...

BREVEMENTE A ABRIR DELEGAÇÃO EM AVEIRO

PORQUE É QUE POR TODO O LADO SE VÊEM CADA VEZ MAIS?

Evidentemente porque cada vez mais pessoas confiam na Renault e nos seus serviços. O que é natural se considerarmos que a Renault tem a maior gama automóvel, sempre as melhores condições de compra através do Crédito Renault e a mais vasta e bem equipada Rede de Venda e Assistência automóvel do País, com mais de 250 Concessionários e Agentes. Económicos, confortáveis e seguros vão ver-se cada vez mais Renault pelas estradas de Portugal. A Renault já faz parte da paisagem.



RENAULT PORTUGUESA
A confiança conquista-se

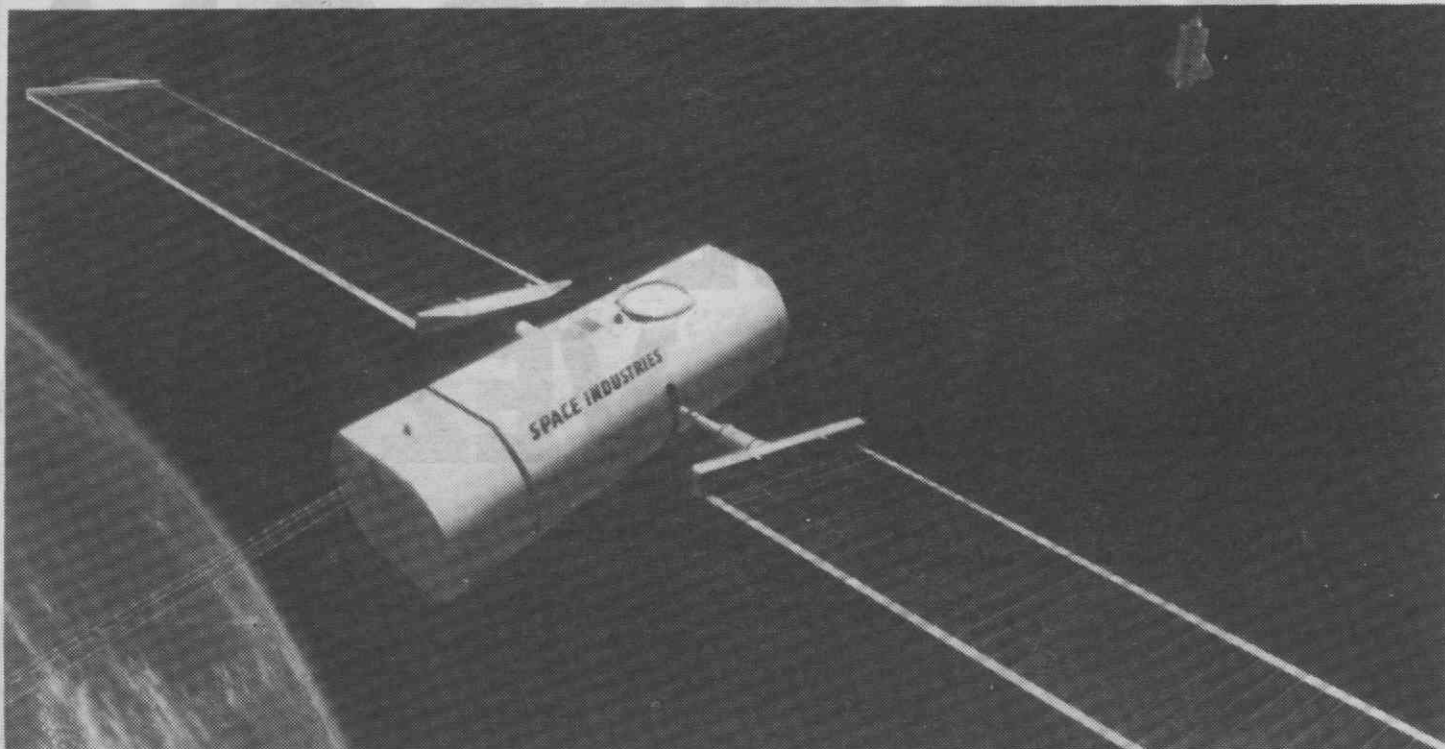
Indústria espacial começa na década de 90

Os engenheiros da Lockheed deram início à segunda fase do estudo dum módulo de 28 Kw de potência para uma instalação industrial do espaço que deverá vir a ser colocada em órbita no início da década de 90. Esta instalação será utilizada na investigação e fabrico de materiais e para ensaios de tecnologia espacial num ambiente de micro-gravidade. Está a ser estudada pela «Space Industries Partnership» que inclui a Space Industries de Houston, Texas e Wospace, Inc., uma subsidiária da Westinghouse Electric Corporation de Pittsburgh, Pennsylvania.

O módulo terá duas asas solares flexíveis medindo cerca de 30 metros, semelhantes às utilizadas na Experiência de Voo com Conjunto Solar (SAFE) a qual foi realizada com sucesso a bordo do Vaivém Espacial em Setembro de 84. Cada uma das asas ficará coberta com cerca de 30.000 células solares de silicone soldadas a um circuito impresso colocado entre duas camadas de plástico flexível Kapton como se fosse uma sanduíche. Quando atingidas pela luz solar em pleno, cada uma destas asas poderá gerar 14 Kw de energia.

«A assinatura do contrato da Fase 2 é realmente um acontecimento importante», disse George Welik, director do projecto da Lockheed. «Os nossos esforços de desenvolvimento nos últimos dois anos confirmaram que a instalação industrial do espaço pode utilizar a tecnologia demonstrada pelo SAFE».

Segundo afirmou Welik, as células solares devem ser protegidas das sombras do espaço que podem levar à formação de arcos eléctricos que podem fazer um curto-circuito na célula». O diodo plano de derivação que criámos em conjunto com a Applied Solar Energy Corporation



evita que os estragos nas células provocados pelas sombras e pode suportar a tensão provocada pelo lançamento de um conjunto solar no espaço», acrescentou Welik.

A Instalação Industrial do Espaço é uma das poucas cargas úteis comerciais que consta do Vaivém desde que houve o acidente com o «Challenger». Pode funcionar em voo livre ou acoplada a qualquer nave espacial como vaivém espacial.

Nesta visão do artista, dois conjuntos solares flexíveis convertem a luz solar em electricidade para a Instalação Industrial do Espaço criada pela Space Industries Partnership. Destinada a utilização por parte do vaivém no início dos anos 90, a instalação representa um passo importante na utilização comercial do Espaço. Os dois conjuntos fornecerão 28 KW de energia para investigação de materiais e processos de fabrico.

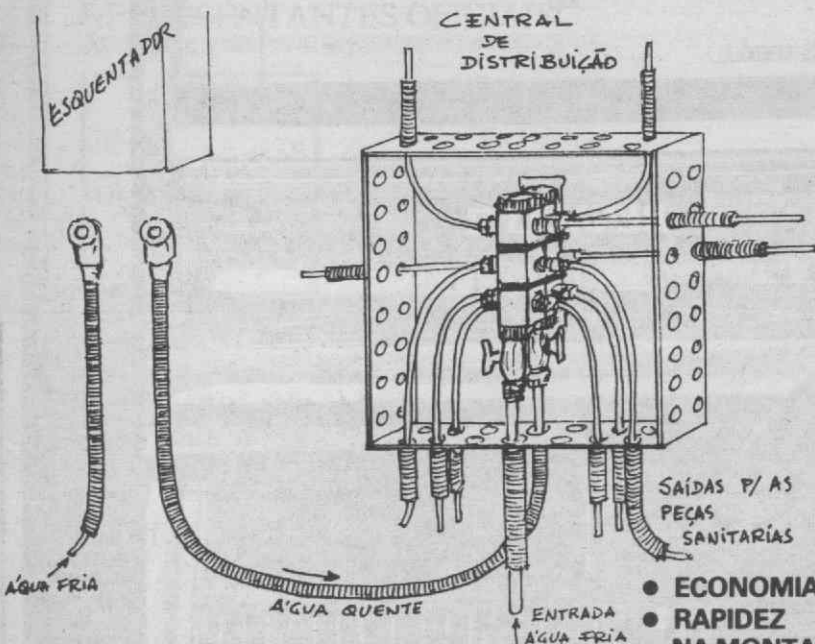


IDROKON®

SISTEMAS HIDRÁULICOS PRÉ-FABRICADOS

NOVA TECNOLOGIA NA CONSTRUÇÃO PARA ÁGUAS

QUENTES E FRIAS COM TUBOS FLEXÍVEIS EM POLIPROPILENO ALIMENTAR ANTICALCÁRIO, JÁ INTRODUZIDOS EM MANGA PRÓPRIA, CONSEGUIU-SE UM SISTEMA INOVADOR QUE EVITA OS PROBLEMAS DAS CANALIZAÇÕES TRADICIONAIS



Terminaram os seus problemas com as canalizações

- ECONOMIA
- RAPIDEZ NA MONTAGEM
- POUPANÇA DE ÁGUA E ENERGIA

CONTACTE-NOS, SOMOS:

HIDRALBA MATERIAL HIDRO-SANITÁRIO, LDA.
QUINTA DOS LAGOS • 3850 ALBERGARIA-A-VELHA
TEL. 034 522190 — TELEX 37538 IMCOP.

Representante exclusivo para a Península Ibérica da IDROKON. Representantes em Portugal do sistema de aspiração central «Aertécnica» e das caldeiras de aquecimento central «ICI».

Centro de Ar Comprimido



ANÍBAL PIRES, LDA.
PNEUMÁTICA, COMÉRCIO E SERVIÇOS

COMPRESSORES



ASSISTÊNCIA TÉCNICA:

- TÉCNICO ESPECIALIZADO
- STOCK DE PEÇAS
- OFICINAS PRÓPRIAS EM ÁGUEDA



Sardão — Apartado 177 — Telef. 623138
Telex 37152 HELDER P — ÁGUEDA

Os pioneiros da indústria de Águeda

Deniz Ramos

O caso peculiar do adensamento industrial de Águeda vem recebendo nos últimos anos a atenção dos estudiosos, mesmo a nível universitário, quer no aspecto da sua articulação com o meio rural, quer nos factores de dinamização. Frequentemente se interroga sobre os argumentos que terão provocado no tecido social local o largo movimento de industrialização que hoje se conhece. E mais: porquê a vertente metalomecânica terá recebido os favores da iniciativa empresarial dos pioneiros da indústria aguedense. É líquido não se tratar, e para essa conclusão basta uma análise linear da composição das estruturas que suportaram essa dinâmica, de mobilização a partir de fortes unidades empresariais do exterior seduzidas ou por mão de obra abundante e barata, ou por trabalho qualificado, ou ainda por espaços com vasto pendão de absorção do estorço produtivo. A individualização do CASO DE ÁGUEDA contraria de certo modo as teorias de localização industrial e provoca investigação no campo bem original da articulação espaço-industrialização, sendo inevitável socorrer-se, para a sua compreensão, de um conhecimento profundo da reprodução social, por um lado, e por outro, já com um peso significativo na sua incipiência, do levantamento da antiga tradição artesanal. É obvio que isso não explicara tudo mas apoiará decisivamente algumas das hipóteses de interpretação do fenómeno. Cremos dever-se a Jose Reis, da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (1), a mais esclarecida abordagem do CASO DE ÁGUEDA. Ao debruçar-se sobre a problemática dos espaços de industrialização no quadro do relacionamento da macro-economia com o nível local, encontra em Águeda características individualizadas que explicam alguns dos factores de dinamização da indústria nacional. O trabalho produtivo em Águeda, e de algum modo noutros centros industrializados do distrito de Aveiro - e ate no processo típico de Arganil, que o investigador aduz, em que a autarquia local se substitui à deficiente mobilização industrial para resolver problemas de emprego através da fixação pela indústria da economia local - resulta, claramente de uma dinâmica própria. Dinâmica essa de que se conhecem ainda mal os contornos, assente na pequena empresa de expressão familiar que tem no ramo da metalomecânica o seu quadro de referências, enquanto que Leiria, por exemplo, se movimentara, também por um conjunto de jogos sociológicos, essencialmente à volta das indústrias do vidro, dos cimentos e da cerâmica. Esta constatação leva-nos, por isso, a concluir que o processo de industrialização, por demais complexo para

uma síntese fria, se compatibiliza com o espaço local, entendido este como um conjunto de forças e condições específicas, que vão do quadro social à cultura experimentada, numa troca polarizadora que acaba por tipificar o pioneirismo local.

UMA TRADIÇÃO ARTESANAL

Em 1878, o DICCIONARIO DE GEOGRAPHIA UNIVERSAL refere a existência em Águeda de "30 fabricantes de objectos de ferro de pequenas dimensões", a par de referências a fábricas de telha, por sinal os dois ramos, ferragens e cerâmica, dos mais salientes ainda nos dias de hoje. Ao longo dos diversos jornais

que a partir de 1879 se publicaram em Águeda, podemos acompanhar essa exuberância artesanal, funileiros, ferreiros, espingardeiros, tamanqueiros, ferradores e serralheiros, e uma gama de utensílios desde os regadores e gazómetros às banheiras e caldeiras para fogoes em cobre e ferro zincado. Burgo situado no cruzamento de importantes vias de comunicação e beneficiando do tráfego fluvial que o punha em contacto com o litoral e o interior serrano, desde cedo se viu florescer em pujante entreposto comercial. Assim se compreenderá essa actividade artesanal. O consumo regional absorveria igualmente os produtos fabricados. Uma

casa da R. da Venda Nova, da segunda metade do sec. XVIII, ostenta ainda grades de ferro nas varandas, desenhadas nas linhas curvilineas do tempo; o soberbo portão do cemitério do Adro e varandas em casas de oitocentos da regio apontam para essa tradição artística dos ferreiros de Águeda. Tradição aliás confirmada em documentação bem anterior: nos Tombos do Hospital e da Igreja, dos séculos XVI e XVII, surgem-nos já referências a ferreiros e serralheiros de mistura com outros ofícios. Daqui ser legítimo concluir, como o faz Jose Reis, que a industria de ferragens para a construção civil e mobiliário, que é ainda o ex-libris da industria local, terá resultado da transformação dessa antiga tradição artesanal que beneficiou "da posição central da entao vila na rede regional e mesmo nacional de comunicações e de uma relação privilegiada com o centro comercial que o Porto sempre foi, designadamente quanto ao ramo originário das ferragens"(2). Ora esta leitura consubstancia uma dinâmica própria afirmadora de identidade, atastando o esquema polarizador da grande empresa que do exterior explorasse condições favoráveis e ajuda-nos a compreender a fixação da tipologia industrial no periodo do PIONEIRISMO. Da análise da documentação e da informação recolhida, nem sempre nos é licito, para os primeiros tempos, concluir que se terá processado uma passagem directa das pequenas oficinas de serralheiros para empresas bem dimensionadas. Veja-se o caso de Domingos Pinto de Carvalho, proprietário de Assequins sem qualquer ligação anterior ao sector. E foi apenas o introdutor da industria de ferragens no concelho... Por outro lado, depararam-se-nos situações extremamente curiosas como a da familia Brinco. Em 1892 surge-nos João Ferreira da Silva Brinco com uma serralharia na R. de S. Pedro; em 1908, Joaquim da Silva Brinco mantém uma oficina de funileiro na R. Luis de Camoes; em 1924, Mário da Silva Brinco e serralheiro no largo da Venda Nova e nesse mesmo ano João Ferreira Brinco, seus filhos Joao e Darlindo aparecem associados com Godofredo Duarte - depois da desistência dos drs. Manuel Alegre e Angelo Ribeiro, José Pinto e Armando Castela - na pequena firma J. Brinco e Duarte Lda., de ferragens, que laborou à entrada da R. Vasco da Gama. Firma que, através de Godofredo Duarte, terá continuidade na Duarte e Crespo, uma das quatro incorporadas, ainda durante a ultima guerra, na Ferragens Reunidas de Águeda, Lda.! Este cla familiar ferrageiro ainda terá outras ligações ao ramo: dois filhos de Joaquim da Silva

(Cont. na pág. seguinte)



O soberbo portão do cemitério do adro aponta para a tradição artística dos ferreiros de Águeda.



Acessórios para Bicicletas, Lda

FÁBRICA DE ACESSÓRIOS PARA BICICLETAS E MOTORIZADAS

Telefs. 622249
621522
Telex 37106 SIRLA P

VALE DO GROU
Apartado 84
3751 ÁGUEDA Codex

A Escola Industrial ajudará a formar uma outra mentalidade

(Da pág. anterior)

Brinco, Armando e António, são, respectivamente, laticeiro e funileiro e uma sua sobrinha, Libânia, casar-se-a com Gil da Fonseca Res, com oficina de laticaria ele também! Este significativo exemplo de vocação familiar, que nos tempos recentes se tornou a regra geral da proliferação empresarial - socios e empregados fabris ou administrativos abandonam a FAMILIA INDUSTRIAL para darem origem a outras unidades, quase sempre do mesmo ramo -, torna extremamente linear o processo de formação do tecido produtivo aguedense e avoluma a convicção de que a primazia dada ao sector das ferragens teve muito a ver com a forte tradição artesanal no domínio da produção ferrageira.

AS ETAPAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

A pequena HISTÓRIA INDUSTRIAL de Agueda poderia esquematizar-se em três períodos distintos, no que respeita ao sector da metalomecânica: o período do PIONEIRISMO, até à implantação da República; o período da consolidação, onde há já notícia da indústria de acessórios para bicicletas, até 1927, data da criação da Escola Industrial e Comercial de Agueda e, finalmente, o período da expansão e diversificação do sector da metalomecânica e sua desconcentração em outras estruturas produtivas. Justifiquemo-nos: a Escola Industrial ajudará a formar uma outra mentalidade, contribuindo para a acção geradora de CULTURA INDUSTRIAL que a indústria aguedense vai patentear. As próprias conjunturas de mercados provocarão, a partir da década de trinta, e com especial relevo, faseadamente, em cinquenta e setenta, um surto enriquecedor de novas capacidades e novos produtos que compoem o actual espectro industrial.

Jose Reis acompanha o processo evolutivo por décadas ANTES e DEPOIS da guerra, o que, em boa verdade, não contraria o esquema acima proposto. Refere que na primeira década deste século se tinham formado já "duas empresas de significado importante" e na década de vinte se lhes juntariam mais cinco empresas significativas. Entre estas assinala que algumas desempenharam "um papel relevante na formação de várias gerações de trabalhadores industriais", havendo lugar, na sua opinião, "à formação de uma cultura industrial". Quer nos parecer que esta ACCAO CULTURAL, se se faz no qua-

dro da empresa, tem muito a ver, por outro lado, com a formação teórico-prática obtida nos bancos e nas oficinas da Escola Industrial e Comercial, esta sim incubadora de hábitos e mentalidades a que a OFICINA tradicional era pouco sensível em muitos casos. Recordemos, a propósito, as razões que levaram as forças vivas de Agueda a solicitar a criação da Escola e a justificação que o Padre Marques de Castilho dá para o ensino profissional. No início de 1927 (a Escola foi criada pelo Decreto n.º 13149, de 29 de Janeiro), existiam no perímetro urbano da vila 12 fábricas de louça, telha, serração, serralharia e fundição de metais, ocupando centenas de operários, estando inscritos 805 comerciantes e industriais, "numero extraordinariamente grande numa terra de provincia ate hoje desprotegida dos poderes publicos". E escreve o Padre Castilho, que viria a ser o primeiro director da Escola: "Numa terra onde as indústrias são rotineiras e os operários modestos executantes de operações que não compreendem", com o ensino industrial "os novos operários terão manifestada superioridade sobre os mais velhos" e obter-se-á "uma grande conquista no campo profissional". Com convicção escrevia ainda: "Num período de 10 anos, lançarei no mercado artifices que darão as indústrias locais processos conscientes de trabalho, com os quais lucrará a economia nacional e justificarão as despesas que o Estado faz com este Ensino". Para tanto, preocupou-se em adquirir máquinas e ferramentas que dessem "às oficinas o aspecto de superioridade sobre as oficinas particulares locais, e onde os alunos aprendam a trabalhar com instrumentos de trabalho aperfeiçoados e não com instrumentos gastos e cansados, velhos e já fora de uso" (3). Organizando visitas de estudo a centros industriais mais evoluídos, dispondo de mestres competentes (um dos quais, Gustavo Pimenta, mestre de serralharia civil desde 1929, pelo casamento liga-se à firma Silva e Irmão, estabelecendo assim a interacção Escola-Indústria que haveria de produzir a referida CULTURA INDUSTRIAL), não é exagerada a convicção do Padre Marques de Castilho. O futuro - o presente - corroborou-a à saciedade.

Mas voltemos, a traços largos, à HISTORIA INDUSTRIAL de Agueda, para caracterizar sumariamente o processo evolutivo.

Até a implantação da Republica detectamos 3 fábricas, de Domingos

Pinto de Carvalho, em Asseguins, de data anterior a 1897, de António Ribeiro de Matos, fundada em 1897, na Bicha-Moira, e Neto e Almeida, referenciada na INDEPENDENCIA DE AGUEDA (29.10.1910) a propósito de um incêndio num barracão dessa oficina de serralharia. Este período de PIONEIRISMO tem como espaço polarizador a povoação de Asseguins.

Em período republicano surge-nos em 1911 a fábrica de Joaquim Valente de Almeida. Ribeiro de Matos e Valente de Almeida, em épocas diferentes, pertenceram aos quadros da oficina de Domingos Pinto de Carvalho e, como se vê, ambos deram origem a duas novas empresas, pelo menos uma delas fomentadora de fecunda dinamização do sector das ferragens em Agueda. Albuquerque Neto, casado com uma filha de António Ribeiro de Matos, ter-se-á associado lugazmente com Valente de Almeida e antes de fundar empresa própria, de que a actual A. da Silva Neto é oriunda, passou, com o ferreiro Americano, pela fábrica do sogro. Por sua vez, este, ou seja, António Ribeiro de Matos tinha como esposa uma irmã de Domingos Pinto de Carvalho. As afinidades prosseguem na ligação de Joaquim Valente de Almeida com Joaquim da Silva, o fundador da sociedade Silva e Irmão (1918 e dados os condicionamentos industriais apenas legalizada estatutariamente em 1945), através de um casamento, em primeiras núpcias, com uma sua cunhada. Um dos filhos deste matrimónio, Manuel Valente de Almeida, é sócio, e também pelo casamento com uma filha de Joaquim da Silva, da firma Silva e Irmão. Torna-se curiosa esta teia de ligações de que é fértil a primeira idade da industrialização aguedense, não discipulando na interpretação do caso particular de Agueda e que não temos visto aduzida (4). Outro aspecto não menos aliciente, e que o decorrer dos anos acentua, e o da fidelidade aos nucleos primitivos. Vejamos: no período do arranque as empresas fixam-se em Asseguins, origem dos empreendedores que dispunham de mão de obra disponível e quase sempre de instalações próprias (Domingos Pinto de Carvalho, António Ribeiro de Matos, Neto e Almeida). No período da consolidação o eixo deslocou-se mais para a zona urbana da vila (António Ribeiro de Matos transfere-se da Bicha-Moira para a Venda Nova; Joaquim Valente de Almeida; Silva e Irmão). No período de expansão, por razões óbvias, mesmo assim as ferragens redimensionam os nu-

cleos primitivos, alcançando a Giesteira, a Alagoa e o Razo de Paredes. (Veja-se a similaridade com outros sectores: a indústria do ciclismo ESCOLHE a Borracha onde ainda hoje se localizam nas imediações as mais importantes unidades. No caso da cerâmica, que teve base em Agueda (fábricas do Pessegueiro, Outeiro e Simoes e Dias), acabara por fixar-se no HABITAT próprio, as Aguadas).

O terceiro período, em particular no pós-guerra, é evidente a expansão da indústria ferrageira. Gustavo Pimenta escreve em 1941 que «só nestes últimos dez anos e que mais se tem feito sentir o seu desenvolvimento. Com a experiência já longa; melhor apetrechamento das suas fábricas; uma orientação segura na execução de variadíssimos artigos, e pela divisão inteligente do trabalho, onde já se esboçam os métodos Taylorista e Fordista, que permitem a fabricação de milhares de artigos, todos uniformes, de técnica perfeita e acabamento irrepreensível; em suma, com a natural evolução e melhoramento de trabalho podem as fábricas de ferragens de Agueda apresentar, actualmente, no mercado, dos melhores artigos no género produzidos em Portugal» (5). A mecanização taylorista não encontrou fortes argumentos industriais, ao fim e ao cabo, na espessura do tecido empresarial aguedense apesar da associação comercial de empresas a que se assistiu (Santos e Dias, Duarte e Crespo, Amaro, Lda. e A. da Silva Neto constituem as Ferragens Reunidas de Agueda, Lda.). Muito embora, e também aqui, os esquemas tayloristas de produção tivessem resultado mais de aspectos concorrenciais, face ao predomínio de Joaquim Valente de Almeida, e não de empresas dominantes que procurassem explorar um espaço onde a mão de obra, os preços e a qualidade de execução fossem tentadores. A evolução dos anos sessenta e setenta paradoxalmente, e talvez não, continuou em grande parte o processo de produção completo, flexibilizado, e certo, com prudência e apenas nalguns sectores é em percentagens de componentes reduzida, a separação entre a concepção e a execução. A insistência do produto acabado atribuem uns a perda de agressividade nalguns mercados e a incapacidade no cumprimento de prazos em carteiras de encomendas elevadas. E nas três últimas décadas que gradualmente se assinala a diversificação de produtos e gamas, e que a concepção alcança toros de alguma criatividade, a que não é alheio o vas-

to intercâmbio com centros e feiras no estrangeiro, a adopção de tecnologias mais actualizadas e a reestruturação organizativa em que o empresário substitui o patrão e estabelece «organigramas» de descentralização de responsabilidades.

Jose Reis, em síntese, assinala que em sessenta e setenta se expandiram as empresas de ferragens que se multiplicaram no pós-guerra e a essas se acrescentaram outras de máquinas e ferramentas, tornearia, fundição, equipamentos e material eléctrico, máquinas e mobiliário metálico numa amostra, acrescentamos, do poder próprio de dinamização e capacidade de resposta a estímulos do exterior, aqui entendidos como provocação a uma INTELIGENCIA industrial capaz de absorver modelos e de afirmar-se no campo adversário. A facilidade do crédito e a CULTURA INDUSTRIAL deram as mãos à vocação latente do empreendedor que reflecte mobilidade e versatilidade.

A indústria de bicicletas e motorizadas seguiu, no processo evolutivo, curso diferente, partindo da fabricação de acessórios e componentes até ao produto acabado. A área foi despertada pelo comércio de Sangalhos. Na década de vinte Manuel Caetano Henriques (1921) foi o pioneiro deste sector, secundado mais tarde por Eurico Ferreira Sucena. As primeiras bicicletas nacionais apareceram em 1936, montadas por armazénistas de Sangalhos e só nos anos 50 surgem os primeiros ciclomotores (6). Nesta década assiste-se em Agueda à criação de empresas de grandes dimensões para o meio e representam, no quadro da metalomecânica, na opinião de José Reis, «um grande efeito de diversificação das capacidades de produção industrial». O produto acabado tem tido como destino o mercado interno, mostrando-se o de componentes com alguma agressividade na concorrência internacional. A hegemonia de Agueda no sector justificou ser a sede nacional da ABIMOTA, associação dos industriais de duas rodas.

A indústria de cerâmica artística e para construção conheceu nas duas primeiras décadas do século pelo menos três unidades, sem falar na fábrica de louça branca do Pessegueiro, fundada por António Freitas Sucena e Ana de Pinho e Freitas por volta de 1880, tendo terminado a laboração antes do termo da centuria (7).

Em 1914, por escritura lavrada pelo notário Eduardo Pinto Camelo a 24 de Setembro, foi constituída, no

sítio do Joinal, a EMPRESA CERÂMICA AGUEDENSE de que foram sócios iniciais Joaquim Ribeiro Guerra, Manuel Rodrigues dos Anjos Junior, Dr. Joaquim Carvalho e Silva e Dr. Abílio Pinto Corte-Real e Nápoles. Destinava-se ao fabrico de telha, tijolo, manilhas e mais objectos de barro e grés. Em 1 de Março de 1917 sao admitidos novos sócios, Dr. Antonio Breda, Dr. Afonso de Melo Pinto Velloso e Albano de Melo Pinto Velloso. Por escritura de 7 de Maio de 1918 e dissolvida e liquidada a sociedade. A empresa em laboração e os seus pertences passam a propriedade de Joaquim Ribeiro Guerra e Manuel Seabra da Cruz que entre si constituem a empresa GUERRA E CRUZ, LDA., em 15 de Junho de 1918 (Manuel Seabra da Cruz substituirá, ainda antes da dissolução, Manuel Rodrigues dos Anjos). A Fabrica do Outeiro iniciou a sua produção logo a seguir a 1.ª Grande Guerra sob a designação de Carneiro e Guerra, Lda.. Em 1922 ainda mantinha a actividade (acidente de trabalho informado na VOZ DE AGUEDA) mas interrompeu a laboração por desinteligências entre os dois socios. Em 1927 encontra-se já em funcionamento sob a responsabilidade de António de Sousa Carneiro. Na sua primeira fase houve problemas de fabricação. Com a vinda de técnicos especializados a produção ganha qualidade quer no vidro, quer nos acabamentos e pintura, com a Fabrica do Outeiro inicia-se uma autêntica ESCOLA DE CERÂMICA que esta na base do êxito da cerâmica artística local. Inicialmente produziu louça sanitária, louça tipo Caldas, imagens religiosas e outras peças, até se fixar naquilo por que ficou conhecida, a LOUÇA DO OUTEIRO, pintada à mão. Em 1925 inaugura-se a fabrica de louça vermelha da firma Simoes e Silva, Lda., fruto do dinamismo do Alferes Xavier Simoes. Fabricavam-se cântaros, barris, maringues, alguidares e outros utensilios de uso e adorno. Anunciava que, em breve, passaria a fabricar louça vidrada. Diz o articulista da Voz de Agueda que as louças podiam rivalizar com os produtos das fabricas congêneres do distrito e do Algarve.

Na década de cinquenta assiste-se também à expansão da cerâmica para construção que absorvem numerosa mão de obra indiferenciada e representam vultuosos investimentos. Em 1947 existiam 8 cerâmicas no concelho, situadas, com excepção da Guerra e Cruz e da Cerâmica de Fucagos, no eixo Barró-Aguadas. O Dr. Manfredo Roque, da Cerâmica de Barró, é

comummente apontado como o grande dinamizador da modernização da industria. A existência de barreiros funciona como forte atractivo na escolha da localização das unidades fabris. Assim, o litoral onde predomina o barro vermelho, concentrava em 1980 83% dos estabelecimentos. E em Agueda de Cima, Pombal e Leiria que se encontra a argila refractária, a

componente mais importante da matéria-prima utilizada. Daí a concentração da industria no eixo Barró-Aguadas. Em 1978, assinalavam-se no concelho 19 estabelecimentos de fabricação de materiais de barro para construção, numero só ultrapassado por Porto de Mós (21), movimentando cerca de mil trabalhadores (8).

Conclusão

Sem qualquer ligação anterior ao sector das ferragens, Domingos Pinto de Carvalho montou a primeira "oficina de ferragens", embrião das actuais fabricas. Já o disse em 1941 Gustavo Pimenta, à sua OFICINA, de reduzidas dimensões, falta de aparelhagem e deficiência de técnica, se deve a criação e mesmo a existência da industria de ferragens em Agueda. Por um sistema cognático construiu-se a FAMILIA INDUSTRIAL com uma bem propria descendência biológica. A função cultural que a Escola e a Empresa fomentaram, claramente ressaltada pelo Eng. Bastos Xavier numa entrevista a um jornal local em 1959, provocou a proliferação de unidades e empreendedores. E mais no ramo da metalomecânica (ferragens e bicicletas e motociclos) que se surpreende o papel pioneiro. E evidente que o pioneirismo de uns poderá resultar de circunstâncias fortuitas e diluir-se sem prolongada afirmação no sector, como é o caso de Domingos Pinto de Carvalho, enquanto que o fazedor de cultura industrial, inovadora, se perpetua no ciclo que origina. (Joaquim Valente de Almeida e Eurico Ferreira Sucena, por exemplo). Mas sem uns e outros a realidade de hoje seria, decerto, bem diferente e o perfil da economia concelhia descobriria diversa estrutura.

Alinhavou-se uma mancha de

considerações sobre a HISTORIA INDUSTRIAL de Agueda sem se ter completado a investigação adequada sujeita a imprecisão, as lacunas, as incorrecções. E cremos ser importante o levantamento monográfico desta componente da vida comunitaria, não apenas na perspectiva economicista, mas na pesquisa dos factores de mobilização e suporte que o processo historico evolutivo ajuda a interpretar melhor. Veja-se a farta tradição artesanal e oficial; procure-se a ARVORE GENEALOGICA da industria na sua descendência directa e colateral; articulem-se os indices demográficos comparando-os com os períodos de expansão: encontraremos, sem duvida, as leituras que escapam aos dados estatísticos de inquéritos informatizados. E há um tempo para

se operar essa HISTORIA, conhecer os rostos dos novos pioneiros, a tessitura variegada do tecido industrial extremamente mobil. Teríamos decerto maior copia de informação, e sé-lo-ia preciosa, se a VOZ DE AGUEDA, que já em 1922 escrevia que "pulum as fabricas por toda a parte", tivesse concretizado o proposito, anunciado em 1924, de publicar algumas notas sobre o desenvolvimento da industria no concelho, acompanhadas de fotografias de industriais e estabelecimentos fabris (9).

(1) Os espaços da industrialização-notas sobre a regulação macro-económica e o nível local, in -Revista Crítica de Ciências Sociais-, n.º 22, Abril 1987, p.p. 13-29.

(2) Da análise dos anúncios nas colecções de jornais locais desde 1879 constata-se a primazia do movimento comercial virado para o Porto onde, inclusive, se encontram estabelecimentos comerciais alguns aguedenses.

(3) Padre Marques de Castilho pioneiro do ensino profissional em Agueda, trabalho que publicámos no Suplemento Especial do -Diário de Aveiro- (Expoaguada 86).

(4) No início do processo industrial aguedense verifica-se que, fortuita ou deliberadamente se junta a transmissão biológica (hereditária) à prática do sistema cognático, isto é, o reforço empresarial por via matrimonial (via directa) ou através de componentes da familia industrial.

(5) A industria de Agueda, publicado no Anuário-Agenda 1941, organizado por Raul Conde, p.p. 49-50.

(6) Agueda: capital das duas rodas, Fernando Almeida, in -Destacável do "Expresso"-, p. 34.

(7) Cronologia duvidosa a exigir mais atenta investigação.

(8) Elementos recolhidos em materiais de barro vermelho para construção, CCRC, 1985.

(9) O presente trabalho é uma condensação de outro de maior folego, em preparação. Nem o estado da investigação, nem o espaço permitiam perspectivar a articulação sociológica (atração demográfica; articulação com o meio rural como complementaridade; etc.).

EUROVOUGA
agentes transitários, lda. AVEIRO

TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DESPACHOS - SEGUROS - TRÁFEGO
ESTIVA - CARGA AÉREA - NAVEGAÇÃO



Telefs. 26983 e 26997
Telex 37471 FERCAR P End. Teleg. EUROVOUGA
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 117-2.º Esq. - 3800 AVEIRO



Fernando Carvalho
despachante oficial - Aveiro

TEL. 26963 e 26997
TELEX 37471 FERCAR P AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 117-2.º ESQ.º
END. TELEG. EUROVOUGA 3800 AVEIRO



INDUSTRIA DE COLAS
DO CENTRO, LDA.

COLAS INDUSTRIAIS PARA TODOS OS FINS

COLAS BRANCAS

COLAS p/ Tipografias (encadernação)
COLAS p/ Madeiras
COLAS p/ Taco e Parquete

COLAS DE CONTACTO

COLA para Laminados (Fórmica)
COLA para Borracha
COLA para Espuma, etc.

COLA p/ Sapatos (Calçado)
COLAS p/ Tubos PVC
COLAS p/ Mosaico Vinílico
COLAS p/ Alcatifas

Travassó - ÁGUEDA
Telefs. 629242/629302 - Telex 37071 UNICOL P



CASA LINO COELHO

de

Lino Coelho, Lda.

- FERRAGENS E FERRAMENTAS - CAÇA E PESCA
- ARTIGOS PARA VINÍCOLA

Rua Celestino Neto

3750 ÁGUEDA

Telefs. 623850/622270



FÁBRICA DE FERRAGENS PARA
CONSTRUÇÃO CIVIL E MÓVEIS

Telefone 623611
Vale do Senhor - Apart. 91

Recardões
3750 ÁGUEDA



Anfora
Marca Registrada

OLARIA ARTÍSTICA DO ÁGUEDA, LDA.

LOUÇA DE ÁGUEDA EM FAIANÇA
FABRICANTE - EXPORTADOR

Presente na EXPOÁGUEDA/87
Stand 20

Telefs. Fábrica 622515
Escritório 623501

3750 ÁGUEDA

Telex 37084 ASSINA P att. ANFORA PORTUGAL

A Escola Industrial ajudará a formar uma outra mentalidade

(Da pág. anterior)

Brinco, Armando e António, são, respectivamente, latoeiro e funileiro e uma sua sobrinha, Libânia, casar-se-á com Gil da Fonseca Res, com oficina de latoaria ele também! Este significativo exemplo de vocação familiar, que nos tempos recentes se tornou a regra geral da proliferação empresarial - socios e empregados fabris ou administrativos abandonam a FAMÍLIA INDUSTRIAL para darem origem a outras unidades, quase sempre do mesmo ramo -, torna extremamente linear o processo de formação do tecido produtivo aguedense e avoluma a convicção de que a primazia dada ao sector das ferragens teve muito a ver com a forte tradição artesanal no domínio da produção ferrageira.

AS ETAPAS DA INDUSTRIALIZAÇÃO

A pequena HISTÓRIA INDUSTRIAL de Agueda poderia esquematizar-se em três períodos distintos, no que respeita ao sector da metalomecânica: o período do PIONEIRISMO, até à implantação da República; o período da consolidação, onde há já notícia da indústria de acessórios para bicicletas, até 1927, data da criação da Escola Industrial e Comercial de Agueda e, finalmente, o período da expansão e diversificação do sector da metalomecânica e sua desconcentração em outras estruturas produtivas. Justifiquemo-nos: a Escola Industrial ajudará a formar uma outra mentalidade, contribuindo para a acção geradora de CULTURA INDUSTRIAL que a indústria aguedense vai patentear. As próprias conjunturas de mercados provocarão, a partir da década de trinta, e com especial relevo, faseadamente, em cinquenta e setenta, um surto enriquecedor de novas capacidades e novos produtos que compoem o actual espectro industrial.

José Reis acompanha o processo evolutivo por décadas ANTES e DEPOIS da guerra, o que, em boa verdade, não contraria o esquema acima proposto. Refere que na primeira década deste século se tinham formado já "duas empresas de significada importância" e na década de vinte se lhes juntariam mais cinco empresas significativas. Entre estas assinala que algumas desempenharam "um papel relevante na formação de várias gerações de trabalhadores industriais", havendo lugar, na sua opinião, "à formação de uma cultura industrial". Quer-nos parecer que esta ACÇÃO CULTURAL, se se faz no qua-

dro da empresa, tem muito a ver, por outro lado, com a formação teórico-prática obtida nos bancos e nas oficinas da Escola Industrial e Comercial, esta sim incubadora de hábitos e mentalidades a que a OFICINA tradicional era pouco sensível em muitos casos. Recordemos, a propósito, as razões que levaram as forças vivas de Agueda a solicitar a criação da Escola e a justificação que o Padre Marques de Castilho dá para o ensino profissional. No início de 1927 (a Escola foi criada pelo Decreto n.º 13149, de 29 de Janeiro), existiam no perímetro urbano da vila 12 fábricas de louça, telha, serralha e fundição de metais, ocupando centenas de operários, estando inscritos 805 comerciantes e industriais, "numero extraordinariamente grande numa terra de provincia ate hoje desprotegida dos poderes publicos". E escreve o Padre Castilho, que viria a ser o primeiro director da Escola: "Numa terra onde as indústrias são rotineiras e os operários modestos executantes de operações que não compreendem", com o ensino industrial "os novos operários terão manifestada superioridade sobre os mais velhos" e obter-se-á "uma grande conquista no campo profissional". Com convicção escrevia ainda: "Num período de 10 anos, lancarei no mercado artifices que darão as indústrias locais processos conscientes de trabalho, com os quais lucrará a economia nacional e justificaram as despesas que o Estado faz com este ensino". Para tanto, preocupou-se em adquirir máquinas e ferramentas que dessem "às oficinas o aspecto de superioridade sobre as oficinas particulares locais, e onde os alunos aprendam a trabalhar com instrumentos de trabalho aperfeiçoados e não com instrumentos gastos e cansados, velhos e já fora de uso" (3). Organizando visitas de estudo a centros industriais mais evoluídos, dispoendo de mestres competentes (um dos quais, Gustavo Pimenta, mestre de serralha civil desde 1929, pelo casamento liga-se à firma Silva e Irmão, estabelecendo assim a interacção Escola-Indústria que haveria de produzir a referida CULTURA INDUSTRIAL), não é exagerada a convicção do Padre Marques de Castilho. O futuro - o presente - corroborou-a à saciedade.

Mas voltemos, a traços largos, à HISTÓRIA INDUSTRIAL de Agueda, para caracterizar sumariamente o processo evolutivo.

Até à implantação da República detectamos 3 fábricas, de Domingos

Pinto de Carvalho, em Assequins, de data anterior a 1897, de António Ribeiro de Matos, fundada em 1897, na Bicha-Moira, e Neto e Almeida, referenciada na INDEPENDENCIA DE AGUEDA (29.10.1910) a propósito de um incêndio num barracão dessa oficina de serralha. Este período de PIONEIRISMO tem como espaço polarizador a povoação de Assequins.

Em período republicano surgem-nos em 1911 a fábrica de Joaquim Valente de Almeida. Ribeiro de Matos e Valente de Almeida, em épocas diferentes, pertenceram aos quadros da oficina de Domingos Pinto de Carvalho e, como se vê, ambos deram origem a duas novas empresas, pelo menos uma delas fomentadora de fecunda dinamização do sector das ferragens em Agueda. Albuquerque Neto, casado com uma filha de António Ribeiro de Matos, ter-se-á associado fugazmente com Valente de Almeida e antes de fundar empresa própria, de que a actual A. da Silva Neto e oriunda, passou, com o ferreiro Américo, para a fábrica do sogro. Por sua vez, este, ou seja, António Ribeiro de Matos tinha como esposa uma irmã de Domingos Pinto de Carvalho. As afinidades prosseguem na ligação de Joaquim Valente de Almeida com Joaquim da Silva, o fundador da sociedade Silva e Irmão (1918 e dados os condicionamentos industriais apenas legalizada estatutariamente em 1945), através de um casamento, em primeiras núpcias, com uma sua cunhada. Um dos filhos deste matrimonio, Manuel Valente de Almeida, é sócio, e também pelo casamento com uma filha de Joaquim da Silva, da firma Silva e Irmão. Torna-se curiosa esta teia de ligações de que é fértil a primeira idade da industrialização aguedense, não disciplinada na interpretação do caso particular de Agueda e que não temos visto aduzida (4). Outro aspecto não menos aliciente, e que o decorrer dos anos acentua, e o da fidelidade aos nucleos primitivos. Vejamos: no período do arranque as empresas fixam-se em Assequins, origem dos empreendedores que dispunham de mão de obra disponível e quase sempre de instalações próprias (Domingos Pinto de Carvalho, António Ribeiro de Matos, Neto e Almeida). No período da consolidação o eixo deslocou-se mais para a zona urbana da vila (António Ribeiro de Matos transferiu-se da Bicha-Moira para a Venda Nova; Joaquim Valente de Almeida; Silva e Irmão). No período de expansão, por razões óbvias, mesmo assim as ferragens redimensionam os nú-

cleos primitivos, alcançando a Giesteira, a Alagoa e o Razo de Paredes. (Veja-se a similaridade com outros sectores: a indústria do ciclismo ESCOLHE a Borralha onde ainda hoje se localizam nas imediações as mais importantes unidades. No caso da cerâmica, que teve base em Agueda (fábricas do Pessegueiro, Outeiro e Simoes e Dias), acabara por fixar-se no HABITAT próprio, as Aguadas).

O terceiro período, em particular no pós-guerra, é evidente a expansão da indústria ferrageira. Gustavo Pimenta escreve em 1941 que «so nestes últimos dez anos e que mais se tem feito sentir o seu desenvolvimento. Com a experiência já longa; melhor apetrechamento das suas fábricas; uma orientação segura na execução de variadíssimos artigos, e pela divisão inteligente do trabalho, onde já se esboçam os métodos Taylorista e Fordista, que permitem a fabricação de milhares de artigos, todos uniformes, de técnica perfeita e acabamento irrepreensível; em suma, com a natural evolução e melhoramento de trabalho podem as fábricas de ferragens de Agueda apresentar, actualmente, no mercado, dos melhores artigos no género produzidos em Portugal» (5). A mecanização taylorista não encontrou fortes argumentos industriais, ao fim e ao cabo, na espessura do tecido empresarial aguedense apesar da associação comercial de empresas a que se assistiu (Santos e Dias, Duarte e Crespo, Amaro, Lda. e A. da Silva Neto constituem as Ferragens Reunidas de Agueda, Lda.). Muito embora, e também aqui, os esquemas tayloristas de produção tivessem resultado mais de aspectos concorrenciais, face ao predomínio de Joaquim Valente de Almeida, e não de empresas dominantes que procurassem explorar um espaço onde a mão de obra, os preços e a qualidade de execução fossem tentadores. A evolução dos anos sessenta e setenta paradoxalmente, e talvez não, continuou em grande parte o processo de produção completo, flexibilizado, e certo, com prudência e apenas nalguns sectores e em percentagens de componentes reduzida, a separação entre a concepção e a execução. A insistência do produto acabado atribuiu uns a perda de agressividade nalguns mercados e a incapacidade no cumprimento de prazos em carteiros de encomendas elevadas. E nas três últimas décadas que gradualmente se assinala a diversificação de produtos e gamas, e que a concepção alcança foros de alguma criatividade, a que não é alheio o vas-

to intercâmbio com centros e feiras no estrangeiro, a adopção de tecnologias mais actualizadas e a reestruturação organizativa em que o empresário substituiu o patrão e estabeleceu «organigramas» de descentralização de responsabilidades.

José Reis, em síntese, assinala que em sessenta e setenta se expandiram as empresas de ferragens que se multiplicaram no pós-guerra e a essas se acrescentaram outras de máquinas e ferramentas, tornearia, fundição, equipamentos e material eléctrico, máquinas e mobiliário metálico numa amostra, acrescentamos, do poder próprio de dinamização e capacidade de resposta a estímulos do exterior, aqui entendidos como provocação a uma INTELIGÊNCIA industrial capaz de absorver modelos e de afirmar-se no campo adversário. A facilidade do crédito e a CULTURA INDUSTRIAL deram as mãos à vocação latente do empreendedor que reflecte mobilidade e versatilidade.

A indústria de bicicletas e motorizadas seguiu, no processo evolutivo, curso diferente, partindo da fabricação de acessórios e componentes até ao produto acabado. A área foi despertada pelo comércio de Sangalhos. Na década de vinte Manuel Caetano Henriques (1921) foi o pioneiro deste sector, secundado mais tarde por Eurico Ferreira Sucena. As primeiras bicicletas nacionais apareceram em 1936, montadas por armazénistas de Sangalhos e só nos anos 50 surgem os primeiros ciclomotores (6). Nesta década assiste-se em Agueda à criação de empresas de grandes dimensões para o meio e representam, no quadro da metalomecânica, na opinião de José Reis, «um grande efeito de diversificação das capacidades de produção industrial». O produto acabado tem tido como destino o mercado interno, mostrando-se o de componentes com alguma agressividade na concorrência internacional. A hegemonia de Agueda no sector justificou ser a sede nacional da ABIMOTAS, associação dos industriais de duas rodas.

A indústria de cerâmica artística e para construção conheceu nas duas primeiras décadas do século pelo menos três unidades, sem falar na fábrica de louça branca do Pessegueiro, fundada por António Freitas Sucena e Ana de Pinho e Freitas por volta de 1880, tendo terminado a laboração antes do termo da centuria (7).

Em 1914, por escritura lavrada pelo notário Eduardo Pinto Camelo a 24 de Setembro, foi constituída, no

sítio do Joinal, a EMPRESA CERÂMICA AGUEDENSE de que foram socios iniciais Joaquim Ribeiro Guerra, Manuel Rodrigues dos Anjos Junior, Dr. Joaquim Carvalho e Silva e Dr. Abilio Pinto Corte-Real e Nápoles. Destinava-se ao fabrico de telha, tijolo, manilhas e mais objectos de barro e grés. Em 1 de Março de 1917 sao admitidos novos socios, Dr. António Breda, Dr. Afonso de Melo Pinto Velloso e Albano de Melo Pinto Velloso. Por escritura de 7 de Maio de 1918 e dissolvida e liquidada a sociedade. A empresa em laboração e os seus pertences passam a propriedade de Joaquim Ribeiro Guerra e Manuel Seabra da Cruz que entre si constituem a empresa GUERRA E CRUZ, LDA., em 15 de Junho de 1918 (Manuel Seabra da Cruz substituiu, ainda antes da dissolução, Manuel Rodrigues dos Anjos). A Fabrica do Outeiro iniciou a sua produção logo a seguir à 1.ª Grande Guerra sob a designação de Carneiro e Guerra, Lda.. Em 1922 ainda mantinha a actividade (acidente de trabalho informado na VOZ DE AGUEDA) mas interrompe a laboração por desinteligências entre os dois socios. Em 1927 encontra-se já em funcionamento sob a responsabilidade de António de Sousa Carneiro. Na sua primeira fase houve problemas de fabricação. Com a vinda de técnicos especializados a produção ganha qualidade quer no vidro, quer nos acabamentos e pintura, com a Fabrica do Outeiro inicia-se uma autêntica ESCOLA DE CERÂMICA que esta na base do êxito da cerâmica artística local. Inicialmente produziu louça sanitária, louça tipo Caldas, imagens religiosas e outras peças, ate se fixar naquilo por que ficou conhecida, a LOUÇA DO OUTEIRO, pintada à mão. Em 1925 inaugura-se a fabrica de louça vermelha da firma Simoes e Silva, Lda., fruto do dinamismo do Alferes Xavier Simoes. Fabricavam-se cântaros, barris, maringues, alguidares e outros utensilios de uso e adorno. Anunciava que, em breve, passaria a fabricar louça vidrada. Diz o articulista da Voz de Agueda que as louças podiam rivalizar com os produtos das fabricas congeneres do distrito e do Algarve.

Na década de cinquenta assiste-se também a expansão da cerâmica para construção que absorvem numerosa mão de obra indiferenciada e representam vultuosos investimentos. Em 1947 existiam 8 cerâmicas no concelho, situadas, com excepção da Guerra e Cruz e da Cerâmica de Fujaços, no eixo Barrô-Aguadas. O Dr. Manfredo Roque, da Cerâmica de Barrô, e

comumente apontado como o grande dinamizador da modernização da industria. A existência de barreiros funciona como forte atractivo na escolha da localização das unidades fabris. Assim, o litoral onde predomina o barro vermelho, concentrava em 1980 83% dos estabelecimentos. E em Agueda de Cima, Pombal e Leiria que se encontra a argila refractaria, a

componente mais importante da matéria-prima utilizada. Dai a concentração da industria no eixo Barrô-Aguadas. Em 1978, assinalavam-se no concelho 19 estabelecimentos de fabricação de materiais de barro para construção, numero só ultrapassado por Porto de Mós (21), movimentando cerca de mil trabalhadores (8).

Conclusão

Sem qualquer ligação anterior ao sector das ferragens, Domingos Pinto de Carvalho montou a primeira "oficina de ferragens", embrião das actuais fabricas. Já o disse em 1941 Gustavo Pimenta, à sua OFICINA, de reduzidas dimensões, falta de aparelhagem e deficiência de tecnica, se deve a criação a mesmo a existência da industria de ferragens em Agueda. Por um sistema cognatico construiu-se a FAMÍLIA INDUSTRIAL com uma bem propria descendência biologica. A funcao cultural que a Escola e a Empresa fomentaram, claramente ressaltada pelo Eng. Bastos Xavier numa entrevista a um jornal local em 1959, provocou a proliferação de unidades e empreendedores. E mais no ramo da metalomecânica (ferragens e bicicletas e motociclos) que se surpreende o papel pioneiro. E evidente que o pioneirismo de uns poderá resultar de circunstâncias fortuitas e diluir-se sem prolongada afirmação no sector, como é o caso de Domingos Pinto de Carvalho, enquanto que o fazedor de cultura industrial, inovadora, se perpetua no ciclo que origina. (Joaquim Valente de Almeida e Eurico Ferreira Sucena, por exemplo). Mas sem uns e outros a realidade de hoje seria, decerto, bem diferente e o perfil da economia concelhia desdobraria diversa estrutura.

Alinhavou-se uma mancha de

considerações sobre a HISTÓRIA INDUSTRIAL de Agueda sem se ter completado a investigação adequada sujeita a imprecisões, às lacunas, às incorrecções. E cremos ser importante o levantamento monografico desta componente da vida comunitaria, não apenas na perspectiva economicista, mas na pesquisa dos factores de mobilização e suporte que o processo historico evolutivo ajuda a interpretar melhor. Veja-se a farta tradição artesanal e oficial; procure-se a ARVORE GENEALOGICA da industria na sua descendência directa e colateral; articulem-se os indices demograficos comparando-os com os períodos de expansão; encontraremos, sem duvida, as leituras que escapam aos dados estatísticos de inquiritos informatizados. E há um tempo para

se operar essa HISTÓRIA, conhecer os rostos dos novos pioneiros, a tessitura variegada do tecido industrial extremamente mobil. Teriamos decerto maior copia de informação, e sé-lo-ia preciosa, se a VOZ DE AGUEDA, que já em 1922 escrevia que "pulum as fabricas por toda a parte", tivesse concretizado o propósito, anunciado em 1924, de publicar algumas notas sobre o desenvolvimento da industria no concelho, acompanhadas de fotografias de industriais e estabelecimentos fabris (9).

(1) Os espaços da industrialização-notas sobre a regulação macro-económica e o nível local, in -Revista Critica de Ciências Sociais-, n.º 22, Abril 1987, p.p. 13-29.

(2) Da análise dos anúncios nas colecções de jornais locais desde 1879 constata-se a primazia do movimento comercial virado para o Porto onde, inclusive, se encontram estabelecidos como comerciantes alguns aguedenses.

(3) Padre Marques de Castilho pioneiro do ensino profissional em Agueda, trabalho que publicamos no Suplemento Especial do -Diário de Aveiro- (Expoaguada 86).

(4) No início do processo industrial aguedense verifica-se que, fortuita ou deliberadamente se junta a transmissão biológica (hereditária) à prática do sistema cognatico, isto é, o reforço empresarial por via matrimonial (via directa) ou através de componentes da família industrial.

(5) A industria de Agueda, publicado no Anuário -Agenda-1941, organizado por Raul Conde, p.p. 49-50.

(6) Agueda: capital das duas rodas, Fernando Almeida, in -Destacável do "Expresso"-, p. 34.

(7) Cronologia duvidosa a exigir mais atenta investigação.

(8) Elementos recolhidos em materiais de barro vermelho para construção, CCRC, 1985.

(9) O presente trabalho é uma condensação de outro de maior folego, em preparação. Nem o estado da investigação, nem o espaço permitiam perspetivar a articulação sociológica (atração demográfica; articulação com o meio rural como complementaridade, etc.).

EUROVOUGA
agentes transitários, lda. AVEIRO

TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DESPACHOS - SEGUROS - TRÁFEGO
ESTIVA - CARGA AÉREA - NAVEGAÇÃO

Telefs. 26983 e 26997

Telex 37471 FERCAR P End. Teleg. EUROVOUGA
Av. Dr. Lourenço Peixinho, 117-2.º Esq. - 3800 AVEIRO



Fernando Carvalho
despachante oficial - Aveiro

TEL. 26983 e 26997

TELEX 37471 FERCAR P AV. DR. LOURENÇO PEIXINHO, 117-2.º-ESQ.º
END. TELEG. EUROVOUGA 3800 AVEIRO



INDUSTRIA DE COLAS
DO CENTRO, LDA.

COLAS INDUSTRIAIS PARA TODOS OS FINS

COLAS BRANCAS

COLAS p/ Tipografias (encadernação)
COLAS p/ Madeiras
COLAS p/ Taco e Parquete

COLAS DE CONTACTO

COLA para Laminados (Fórmica)
COLA para Borracha
COLA para Espuma, etc.

COLA p/ Sapatos (Calçado)
COLAS p/ Tubos PVC
COLAS p/ Mosaico Vinílico
COLAS p/ Alcatifas

Travasso - ÁGUEDA
Telefs. 629242/629302 - Telex 37071 UNICOL P



CASA LINO COELHO

de
Lino Coelho, Lda.

- FERRAGENS E FERRAMENTAS - CAÇA E PESCA
- ARTIGOS PARA VINÍCOLA

Rua Celestino Neto

3750 ÁGUEDA

Telefs. 623850/622270



FÁBRICA DE FERRAGENS PARA
CONSTRUÇÃO CIVIL E MÓVEIS

Telefone 623611
Vale do Senhor - Apart. 91

Recordões
3750 ÁGUEDA



OLARIA ARTÍSTICA DO ÁGUEDA, LDA.

LOUÇA DE ÁGUEDA EM FAIANÇA

FABRICANTE - EXPORTADOR

Presente na EXPOÁGUEDA/87
Stand 20

Telefs. | Fábrica 622515
Escritório 623501

3750 ÁGUEDA

Telex 37084 ASSINA P att. ANFORA PORTUGAL

O espaço de industrialização de Águeda

Na década de oitenta, os distritos que mais industrialização denotam são, por esta ordem, os de Aveiro, Braga, Setúbal e Leiria, sendo o seu grau de industrialização, ou seja, a relação entre o seu peso no emprego industrial nacional e o seu peso populacional, é superior a 1.

Mas interessara aqui referir outros dados de evolução mais recente para além deste dado estrutural, e assim temos que, entre 1950 e 1981, apenas os distritos de Aveiro, Braga e Leiria revelaram crescimento deste indicador, patenteando de forma inofismável que so aqui a dinâmica do emprego industrial é superior a do emprego nos outros sectores.

A evolução industrial do distrito de Aveiro está marcada de forma significativa pelo ramo metalomecânico, que em 1981 representava 27% do emprego industrial, contra os 16% que registava em 1950, sendo certo que o crescimento desta área industrial se ficou a dever ao decréscimo do peso da área têxtil e vestuário, e da madeira e cortiça.

Mas deixemos a generalidade do distrito de Aveiro e debruçemo-nos sobre o caso concreto de Águeda onde é bastante interessante o sistema produtivo local.

Águeda é um concelho onde 54% da população activa se ocupa na indústria transformadora, sendo 66% da mão-de-obra absorvida pela metalomecânica. Relativamente ao distrito de que faz parte o seu grau de industrialização é de 1.35, quando era de 1.29 há 17 anos atrás.

Foi na transição da década de cinquenta para a de sessenta que o aumento do emprego industrial se acentuou, passando a população activa no sector secundário de 23.8% para 38%, o que, em valores absolutos, correspondia a uma subida de 2.555 para 5.739 pessoas, ficando o concelho de Águeda, a partir de 1970 a registar uma percentagem de população activa na industria, superior a do distrito.

HISTÓRIA INDUSTRIAL DO CONCELHO

Pode contar-se, em esplanção sucinta, a história industrial deste concelho, que já no início do século manifestava raízes de industrialização, e que sucessivamente conheceu fases de reordenação que foram girando, muito principalmente em redor da metalomecânica, inicialmente as ferragens e depois as indústrias das duas rodas - bicicletas e motorizadas.

Ainda na primeira década deste século se tinham formado duas empresas de grande significado quando, na década de vinte, surgiram, no mesmo ramo, mais cinco empresas de significado no contexto industrial do País.

Algumas daquelas empresas revelam-se de uma importância extrema no relevante papel de formação de várias gerações de trabalhadores industriais, pelo que não será gratuito afirmar que a industrialização no distrito produziu somente um alargamento da relação salarial, mas redundou também numa extração de mão-de-obra do sector agrícola que deu lugar à

formação de uma cultura industrial.

Seria no período pós-guerra que se notou um novo surto de constituição de empresas de ferragens a que já se associava um razoável número de unidades industriais vocacionadas para as duas rodas.

E as décadas de sessenta e setenta foram as da confirmação expansionista deste sector, a que já se juntavam também as de máquinas e ferramentas, fundição e tornearia, os equipamentos e o material eléctrico e ainda o mobiliário metálico.

Paralelamente a este processo de industrialização do concelho aconteceu, na década de cinquenta, a expansão da indústria de cerâmica, designadamente a vocacionada para a construção, uma vez que a cerâmica artística tivera o seu surto de instalação durante as segunda e terceira décadas.

Expressivas, do ponto de vista de emprego e do investimento, as empresas de cerâmica para a construção absorviam uma mão-de-obra com características muito diferenciadas daquela que era necessária a metalomecânica.

No início da década de setenta, e segundo o recenseamento industrial, o concelho de Águeda registava a instalação de 298 unidades industriais que empregavam 8.414 trabalhadores.

Em 1977, uma investigação feita pela existência de 276 estabelecimentos e em 1982 esse número era de 424, com particular significado na evolução da metalomecânica, que passara de 139 unidades para 234.

Mais recentemente, no ano passado, uma auscultação directa revelou diferenças significativamente diferentes que apontam para um tecido industrial muito mais denso cuja rede assenta em estabelecimentos de dimensões e funções muito variadas, estendendo-se em cerca de sete centenas de unidades de produção industrial, das quais cerca de 55% se dedicam ao ramo da metalomecânica.

Das empresas referidas, uma parte significativa e de nome individual, que aponta para a elevada tendência de iniciativa produtiva e para a pequena dimensão que vem a ter a articulação muito estreita com outras unidades de maior dimensão. Estudos profundos sobre a indústria de Águeda levam a concluir que a grande maioria das empresas, mesmo as primeiras e de maior dimensão, resultam da mobilização de recursos locais e ainda que, os empresários mais novos são resultado

de um percurso que tem na base a aquisição de um nível cultural industrial superior a média, resultante da anterior ocupação como assalariado, de cargos de supervisão (como mestres e encarregados) junto da produção, ou ainda de lugares ocupados nas esferas comercial ou administrativa.

São vulgares e típicas as situações resultantes de sociedades entre ex-empregados daquelas diferenciadas funções, como resultado de uma cultura técnica e industrial, criada por um meio industrial denso, cuja polarização resulta de um conjunto de empresas de um ramo com tendência diversificadora e uma notável acção formadora.

No concelho de Águeda pode considerar-se sem significado nem expressão o número de empresas com capitais estrangeiros aos locais, embora se possam referenciar associações de capitais locais e exteriores que tiveram no conhecimento directo e na disponibilidade de mão-de-obra especializada um factor de escolha e de instalação.

UM APERFEIÇOAMENTO TECNOLÓGICO

Águeda é hoje - e disso já não restam dúvidas mesmo aos espíritos menos esclarecidos - um centro in-

dustrial de primordial importância na região Centro do País e onde, mercê de uma vontade férrea dos seus dinâmicos empresários, se tem feito um gigantesco esforço de actualização tecnológica «para acertar o passo com a Europa».

Contudo, embora mais de 22 por cento dos estabelecimentos industriais estejam já equipados segundo moderna tecnologia, aqueles que

conservam a considerada como «tradicional» ocupam ainda uma fatia significativa do tecido industrial da zona. Com efeito, são ainda mais de 48 por cento as unidades que se encontram nestas condições. E destas, quase 60 por cento das que se dedicam à transformação de produtos minerais não metálicos, cinquenta por cento das de confecções, têxteis e

(Cont. na página seguinte)

PERCENTAGEM DE RECRUTAMENTO LOCAL DO PESSOAL AO SERVIÇO SEGUNDO A DIMENSÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS CONCELHO DE ÁGUEDA (1977)

INDÚSTRIAS	PESSOAL AO SERVIÇO							
	MENOS DE 5	5 a 9	10 a 19	20 a 49	50 a 99	100 a 199	200 a 499	MAIS DE 500
Alimentação e Bebidas	-	91,7	51,2	38,1	51,8	-	-	-
Têxteis e Vestuário	-	-	90,0	78,3	65,5	62,2	72,0	-
Madeira	44,5	81,3	64,5	54,1	41,0	-	-	-
Papel e Artes Gráficas	50,0	41,2	-	58,2	-	56,5	-	-
Químicas	57,2	64,3	-	-	-	-	-	-
Minerais não Metálicos	-	78,6	58,1	57,2	71,0	51,8	-	-
Metalurgia de Base	-	75,0	62,3	45,8	-	41,1	24,1	-
Produtos Metálicos	81,0	62,0	58,2	57,4	42,6	45,1	49,4	39,2

(1982)

INDÚSTRIAS	PESSOAL AO SERVIÇO							
	MENOS DE 5	5 a 9	10 a 19	20 a 49	50 a 99	100 a 199	200 a 499	MAIS DE 500
Bebidas (a)	-	-	-	-	-	-	-	-
Têxteis e Vestuário	-	-	-	76,2	-	72,3	46,0	-
Madeira	-	-	-	68,6	-	-	-	-
Papel e Artes Gráficas	-	-	-	88,0	-	-	-	-
Químicas	-	-	53,8	46,3	-	-	-	-
Minerais não Metálicos	-	-	-	67,5	80,3	49,3	-	-
Metalurgia de Base	-	-	-	19,2	60,3	-	-	-
Produtos Metálicos	-	61,9	43,7	48,2	45,2	56,1	58,9	-

a) Pelo facto de os resultados recolhidos não serem representativos óptimos pela sua omissão.

ÁREAS OCUPADAS PELOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS

Localizados junto da Estrada Nacional N.º 1, Troço compreendido no concelho de Águeda (1982)

INDÚSTRIAS	ÁREA OCUPADA EM m ²					
	INFERIOR A 999	DE 1 000 A 2 999	DE 3 000 A 4 999	DE 5 000 A 9 999	SUPERIOR A 6 000	
Bebidas	-	2	-	1	-	-
Têxteis e Vestuário	3	1	1	-	-	2
Madeira	1	1	2	-	-	1
Papel e Artes Gráficas	1	1	-	-	-	1
Químicas	3	-	-	-	-	1
Minerais não Metálicos	2	3	1	3	1	2
Metalurgia de Base	-	-	-	1	1	-
Produtos Metálicos	9	20	10	8	4	3
TOTAL	19	28	14	13	6	5



Sociedade Electro Metalurgica do Vouga, Limiteda

Apartado 1 - MACINHATA DO VOUGA - 3750 ÁGUEDA (PORTUGAL)

Telex n.º 37055 VOMETA Telef. - Divisão Fabril 671262 - Sec. Comercial 671261

FUNDIÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS SERRALHARIA

- Material para instalações eléctricas de baixa e alta tensão
- Accesórios para redes de distribuição de águas e saneamento
- Bombas manuais e centrífugas

FABRICANTES



FABRICA DE ELECTRODOMÉSTICOS E ELECTRÓNICA LDA.

Rua de Paradas - Telef. 622022/3 - Apartado 64 - 3751 ÁGUEDA Codex; Telex 37127 FMHA AG P

Fundada em 1969

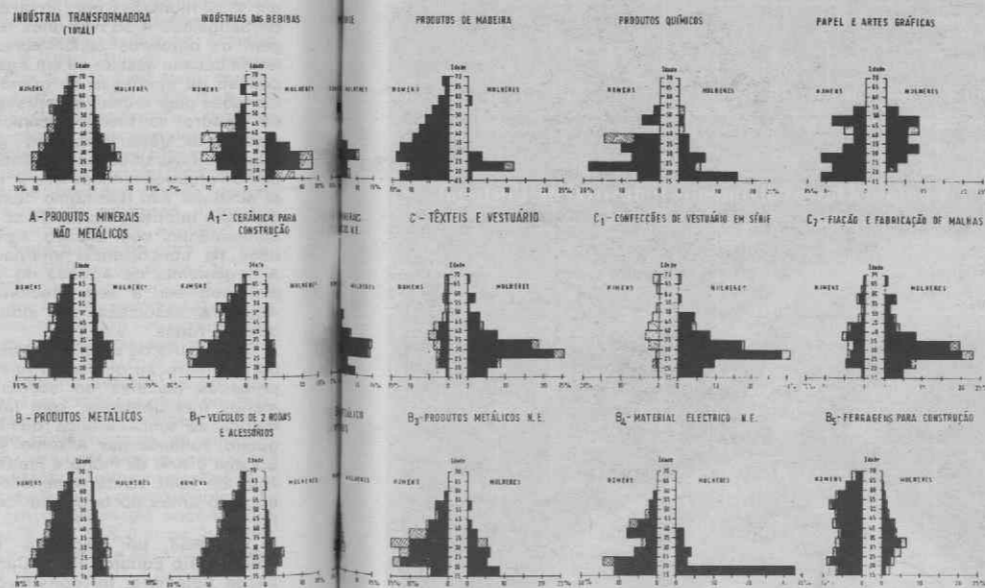
Aparelhagem Electrónica para Telecomunicações, Torradeiras, Aquecimento a óleo, Irradiadores Infravermelhos, Ferros de Engomar, Grelhadores Eléctricos, Varinhas Mágicas, Secadores de Cabelo, Armários Metálicos para casa de banho, Fogareiros Eléctricos.



DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA DO CONCELHO DE ÁGUEDA (1981)

FREGUESIAS	SECTORES DE ACTIVIDADE (em %)		
	PRIMÁRIO	SECUNDÁRIO	TERCIÁRIO
Águeda	82,3	11,1	6,6
Águeda de Baixo	18,2	64,2	17,6
Águeda de Cima	31,4	54,0	14,6
Águeda	2,7	67,9	29,4
Barrô	6,4	72,2	21,4
Belazaima do Chão	59,5	26,0	14,5
Castanheira do Vouga	71,7	18,4	9,9
Espinhel	31,3	59,3	9,4
Fermentelos	35,6	42,7	21,7
Lamas do Vouga	9,0	69,8	21,2
Naciveira de Alcoba	94,4	2,2	3,4
Nacinhata do Vouga	21,3	59,4	19,3
Óia da Ribeira	36,8	50,5	12,7
Pratimão	64,8	26,2	9,0
Recardães	9,8	67,2	23,0
Segadães	18,9	68,2	12,9
Travassô	22,1	60,0	17,9
Trofa	9,0	68,0	23,0
Valongo do Vouga	14,7	72,8	12,5

PIRÂMIDES ETÁRIAS DO PESSOAL TOTAL E DOS SETORES INDUSTRIAIS ÁREA MARFADA DA ESTRADA NACIONAL Nº 1, TROÇO COMPREENDIDO NO CONCELHO DE ÁGUEDA (1981)



DISTRIBUIDOR PARA OS DISTRITOS DE AVEIRO E VISEU DAS MARCAS:

Roland e Casio



INSTRUMENTOS MUSICAIS ESCOLA DE MÚSICA

(Junto da nova Escola Primária) Telefone 623928 Quinta dos Oliveiras, n.º 27 3750 ÁGUEDA



Presente na EXPOÁGUEDA/87 (stands 70 e 76)



FABRICA DE MOLDES, CUNHOS E CORTANTES, LDA.

FABRICAMOS

- Moldes para cerâmica e outros dispositivos
- Ferramentas progressivas de corte e estampagem

UMA INDÚSTRIA AO SERVIÇO DAS INDÚSTRIAS

Telef. 622052 Telex 37141 MOLTEC P

VALE DO GROU Apartado 155 3752 ÁGUEDA Codex Portugal



MINI-PUCH 50 cc

COM MOTOR AUTOMÁTICO PARA TODA A FAMÍLIA...

FÁBRICA VEÍCULOS E MOTORES MOTOESA, LDA. Telef. 622151/2 - Telex 37221 MOTESA P Borralha - 3751 ÁGUEDA Codex

PRESENTES NA EXPOÁGUEDA/87

Restaurante Snack-Bar



RIBEIRINHO

CHURRASQUEIRA • MARISQUEIRA SERVIÇO DE BAR PERMANENTE

Rua Vasco da Gama (Largo do Mercado), 88 Telefone 623825 3750 ÁGUEDA

O espaço de industrialização de Águeda

Na década de oitenta, os distritos que mais industrialização denotam são, por esta ordem, os de Aveiro, Braga, Setúbal e Leiria, sendo o seu grau de industrialização, ou seja, a relação entre o seu peso no emprego industrial nacional e o seu peso populacional, é superior a 1.

Mas interessara aqui referir outros dados de evolução mais recente para além deste dado estrutural, e assim temos que, entre 1950 e 1981, apenas os distritos de Aveiro, Braga e Leiria revelaram crescimento deste indicador, patenteando de forma inofismável que so aqui a dinâmica do emprego industrial é superior a do emprego nos outros sectores.

A evolução industrial do distrito de Aveiro está marcada de forma significativa pelo ramo metalomecânica,

co. que em 1981 representava 27% do emprego industrial, contra os 16% que registava em 1950, sendo certo que o crescimento desta área industrial se ficou a dever ao decréscimo do peso da área têxtil e vestuário, e da madeira e cortiça.

Mas deixemos a generalidade do distrito de Aveiro e debruçemo-nos sobre o caso concreto de Águeda onde é bastante interessante o sistema produtivo local.

Águeda é um concelho onde 54% da população activa se ocupa na indústria transformadora, sendo 66% da mão-de-obra absorvida pela metalomecânica. Relativamente ao distrito de que faz parte o seu grau de industrialização é de 1.35, quando era de 1.29 há 17 anos atrás.

Foi na transição da década de cin-

quenta para a de sessenta que o aumento do emprego industrial se acentuou, passando a população activa no sector secundário de 23.8% para 38%, o que, em valores absolutos, correspondia a uma subida de 2.555 para 5.739 pessoas, ficando o concelho de Águeda, a partir de 1970 a registar uma percentagem de população activa na indústria, superior a do distrito.

HISTÓRIA INDUSTRIAL DO CONCELHO

Pode contar-se, em esplanção sucinta, a história industrial deste concelho, que já no início do século manifestava raízes de industrialização, e que sucessivamente conheceu fases de reordenação que foram girando, muito principalmente em redor da metalomecânica, inicialmente as ferragens e depois as indústrias das duas rodas - bicicletas e motorizadas.

Ainda na primeira década deste século se tinham formado duas empresas de grande significado quando, na década de vinte, surgiram, no mesmo ramo, mais cinco empresas de significado no contexto industrial do País.

Algumas daquelas empresas revelam-se de uma importância extrema no relevante papel de formação de várias gerações de trabalhadores industriais, pelo que não será gratuito afirmar que a industrialização não produziu somente um alargamento da relação salarial, mas reduziu também numa extração de mão-de-obra do sector agrícola que deu lugar a

formação de uma cultura industrial.

Seria no período pós-guerra que se notou um novo surto de constituição de empresas de ferragens a que se associava um razoável número de unidades industriais vocacionadas para as duas rodas.

E as décadas de sessenta e setenta foram as da confirmação expansionista deste sector, a que já se juntavam também as de máquinas e ferramentas, fundição e tornearia, os equipamentos e o material eléctrico e ainda o mobiliário metálico.

Paralelamente a este processo de industrialização do concelho aconteceu, na década de cinquenta, a expansão da indústria de cerâmica, designadamente a vocacionada para a construção, uma vez que a cerâmica artística tivera o seu surto de instalação durante as segunda e terceira décadas.

Expressivas, do ponto de vista de emprego e do investimento, as empresas de cerâmica para a construção absorviam uma mão-de-obra com características muito diferenciadas daquela que era necessária a metalomecânica.

No início da década de setenta, e segundo o recenseamento industrial, o concelho de Águeda registava a instalação de 298 unidades indus-

triais que empregavam 8.414 trabalha-

dos. Em 1977, uma investigação feita pela existência de 276 estabelecimentos e em 1982 esse número era de 424, com particular significado na evolução da metalomecânica, que passou de 139 unidades para 234. Mais recentemente, no ano passado, uma auscultação directa revelava valores significativamente diferentes que apontam para um tecido industrial muito mais denso cuja rede assenta em estabelecimentos de dimensões e funções muito variadas, estendendo-se em cerca de sete centenas de unidades de produção industrial, das quais cerca de 55% se dedicam ao ramo da metalomecânica.

Das empresas referidas, uma parte significativa e de nome individual, que aponta para a elevada tendência de iniciativa produtiva e para a pequena dimensão que vem a ter a articulação muito estreita com outras unidades de maior dimensão.

Estudos profundos sobre a indústria de Águeda levam a concluir que uma grande maioria das empresas, mesmo as primeiras e de maior dimensão, resultam da mobilização de recursos locais e ainda que, os empresários mais novos são resultado

de um percurso que tem na base a aquisição de um nível cultural industrial superior a média, resultante da anterior ocupação como assalariado, de cargos de supervisão (como mestres e encarregados) junto da produção, ou ainda de lugares ocupados nas esferas comercial ou administrativa.

São vulgares e típicas as situações resultantes de sociedades entre ex-empregados daquelas diferenciadas funções, como resultado de uma cultura técnica e industrial, criada por um meio industrial denso, cuja polarização resulta de um conjunto de empresas de um ramo com tendência diversificadora e uma notável acção formadora.

No concelho de Águeda pode considerar-se sem significado nem expressão o número de empresas com capitais estrangeiros aos locais, embora se possam referenciar associações de capitais locais e exteriores que tiveram no conhecimento directo e na disponibilidade de mão-de-obra especializada um factor de escolha e de instalação.

UM APERFEIÇOAMENTO TECNOLÓGICO

Águeda é hoje - e disso já não restam dúvidas mesmo aos espíritos menos esclarecidos - um centro in-

dustrial de primordial importância na região Centro do País e onde, mercê de uma vontade ferrea dos seus dinâmicos empresários, se tem feito um gigantesco esforço de actualização tecnológica «para acertar o passo com a Europa».

Contudo, embora mais de 22 por cento dos estabelecimentos industriais estejam já equipados segundo moderna tecnologia, aqueles que

conservam a considerada como «tradicional» ocupam ainda uma fatia significativa do tecido industrial da zona. Com efeito, são ainda mais de 48 por cento as unidades que se encontram nestas condições. E destas, quase 60 por cento das que se dedicam à transformação de produtos minerais não metálicos, cinquenta por cento das de confecções, têxteis e

(Cont. na página seguinte)

PERCENTAGEM DE RECRUTAMENTO LOCAL DO PESSOAL AO SERVIÇO SEGUNDO A DIMENSÃO DOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS CONCELHO DE ÁGUEDA (1977)

INDÚSTRIAS	PESSOAL AO SERVIÇO							
	MENOS DE 5	5 a 9	10 a 19	20 a 49	50 a 99	100 a 199	200 a 499	MAIS DE 500
Alimentação e Bebidas	-	91,7	51,2	38,1	51,8	-	-	-
Têxteis e Vestuário	-	-	90,0	78,3	65,5	62,2	72,0	-
Madeira	44,5	81,3	64,5	54,1	41,0	-	-	-
Papel e Artes Gráficas	50,0	41,2	-	58,2	-	56,5	-	-
Químicas	57,2	64,3	-	-	-	-	-	-
Minerais não Metálicos	-	78,6	58,1	57,2	71,0	51,8	-	-
Metalurgia de Base	-	75,0	62,3	45,8	-	41,1	24,1	-
Produtos Metálicos	81,0	62,0	58,2	57,4	42,6	45,1	49,4	39,2

(1982)

INDÚSTRIAS	PESSOAL AO SERVIÇO							
	MENOS DE 5	5 a 9	10 a 19	20 a 49	50 a 99	100 a 199	200 a 499	MAIS DE 500
Bebidas (a)	-	-	-	-	-	-	-	-
Têxteis e Vestuário	-	-	-	76,2	-	72,3	46,0	-
Madeira	-	-	-	68,6	-	-	-	-
Papel e Artes Gráficas	-	-	-	88,0	-	-	-	-
Químicas	-	-	53,8	46,3	-	-	-	-
Minerais não Metálicos	-	-	-	67,5	80,3	49,3	-	-
Metalurgia de Base	-	-	-	19,2	60,3	-	-	-
Produtos Metálicos	-	61,9	43,7	48,2	45,2	56,1	58,9	-

a) Pelo facto de os resultados recolhidos não serem representativos óptimos pela sua omissão.

ÁREAS OCUPADAS PELOS ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS Localizados junto da Estrada Nacional N.º 1, Troço compreendido no concelho de Águeda (1982)

INDÚSTRIAS	ÁREA OCUPADA EM m ²					
	INFERIOR A 999	DE 1 000 A 1 999	DE 2 000 A 2 999	DE 3 000 A 3 999	DE 4 000 A 4 999	DE 5 000 A 6 000
Bebidas	-	2	-	1	-	-
Têxteis e Vestuário	3	1	1	-	-	2
Madeira	1	1	2	-	-	-
Papel e Artes Gráficas	1	1	-	-	-	1
Químicas	3	-	-	-	-	1
Minerais não Metálicos	2	3	1	3	1	2
Metalurgia de Base	-	-	-	1	1	-
Produtos Metálicos	9	20	10	8	4	3
TOTAL	19	28	14	13	6	5



Sociedade Electro Metalurgica do Vouga, Limiteda

Apartado 1 - MACINHATA DO VOUGA - 3750 ÁGUEDA (PORTUGAL)

Telex n.º 37055 VOMETA Telex. - Divisão Fabril 871252 - Sec. Comercial 871251

FUNDAÇÃO DE FERRO E OUTROS METAIS SERRALHARIA

- Material para instalações eléctricas de baixa e alta tensão
- Acessórios para redes de distribuição de águas e saneamento
- Bombas manuais e centrífugas

FABRICANTES



FABRICA DE ELECTRODOMÉSTICOS E ELECTRÓNICA LDA.

Rua de Paredes - Telef. 622022/3 - Apartado 64 - 3751 ÁGUEDA Codex, Telex 37127 EMHA AG P

Fundada em 1969

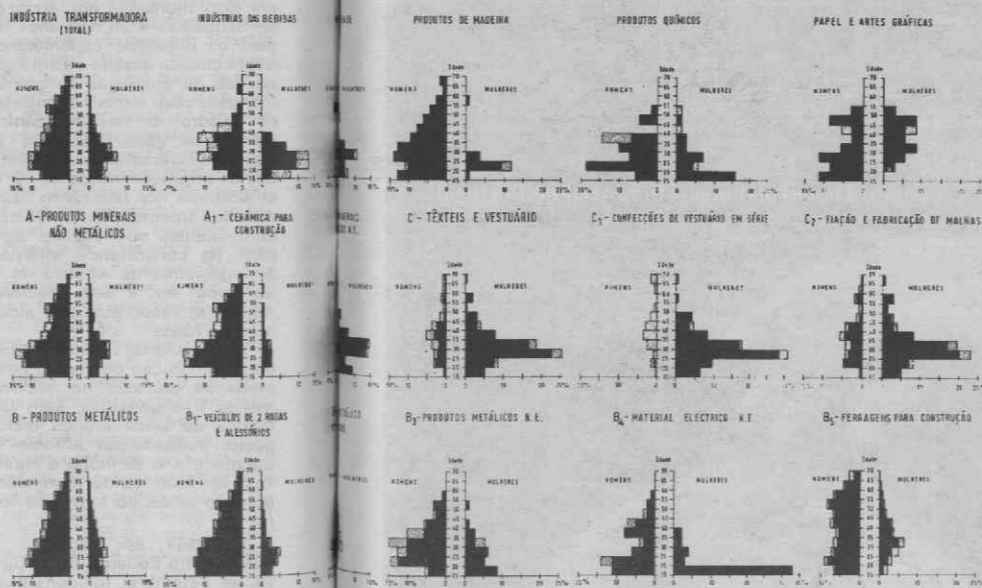
- Aparelhamentos Electrónicos para Telecomunicações, Torradeiras, Aquecimento a óleo, Irradiadores Infravermelhos, Ferros de Engomar, Grelhadores Eléctricos, Varinhas Mágicas, Secadores de Cabelo, Armários Metálicos para casa de banho, Fogareiros Eléctricos.



DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO ACTIVA DO CONCELHO DE ÁGUEDA (1981)

FREGUESIAS	SECTORES DE ACTIVIDADE (em %)		
	PRIMÁRIO	SECUNDÁRIO	TERCIÁRIO
Águeda	82,3	11,1	6,6
Águeda de Baixo	18,2	64,2	17,6
Águeda de Cima	31,4	54,0	14,6
Águeda	2,7	67,9	29,4
Sarrô	6,4	72,2	21,4
Belazaima do Chão	59,5	26,0	14,5
Castanheira do Vouga	71,7	18,4	9,9
Espinhel	31,3	59,3	9,4
Fermentelos	35,6	42,7	21,7
Lamas do Vouga	9,0	69,8	21,2
Nacifeira de Alcoa	94,4	2,2	3,4
Nacinhata do Vouga	21,3	59,4	19,3
Óia da Ribeira	36,8	50,5	12,7
Prósimo	64,8	28,2	9,0
Recardões	9,8	67,2	23,0
Segadães	18,9	68,2	12,9
Travassô	22,1	60,0	17,9
Trofa	9,0	68,0	23,0
Valongo do Vouga	14,7	72,8	12,5

PIRÂMIDES ETÁRIAS DO PESSOAL TOTAL E DOS DEPARTAMENTOS DA ÁREA INDUSTRIAL DA ESTRADA NACIONAL N.º 1, TROÇO COMPREENDIDO NO CONCELHO DE ÁGUEDA



DISTRIBUIDOR PARA OS DISTRITOS DE AVEIRO E VISEU DAS MARCAS:

Roland e Casio



INSTRUMENTOS MUSICAIS ESCOLA DE MUSICA

(Junto da nova Escola Primária) Telefone 623928 Quinta dos Oliveira, n.º 27 3750 ÁGUEDA



Presente na EXPOÁGUEDA/87 (stands 70 e 76)



MOLTÉCNICA

FÁBRICA DE MOLDES, CUNHOS E CORTANTES, LDA.

FABRICAMOS

- Moldes para cerâmica e outros dispositivos
- Ferramentas progressivas de corte e estampagem

UMA INDÚSTRIA AO SERVIÇO DAS INDÚSTRIAS

Telef. 622052 Telex 37141 MOLTEC P

VALE DO GROU Apartado 155 3752 ÁGUEDA Codex Portugal



MINI-PUCH 50 cc

COM MOTOR AUTOMÁTICO PARA TODA A FAMÍLIA...

FÁBRICA VEÍCULOS E MOTORES MOTOESA, LDA. Telef. 622151/2 - Telex 37221 MOTOESA P Borralha - 3751 ÁGUEDA Codex

PRESENTES NA EXPOÁGUEDA/87

Restaurante Snack-Bar



RIBEIRINHO

CHURRASQUEIRA • MARISQUEIRA SERVIÇO DE BAR PERMANENTE

Rua Vasco da Gama (Largo do Mercado), 88 3750 ÁGUEDA Telefone 623825

O espaço de industrialização de Águeda

(Da página anterior)

artigos de vestuário, e 35 por cento das que operam na fabricação de produtos metálicos e ainda a quase totalidade das que produzem bebidas..

Note-se, no entanto, que cerca de 1/3 destas unidades se têm vindo a apetrechar gradualmente com nova maquinaria.

Necessariamente que esta actualização de tecnologia se encontra estreitamente ligada à introdução de novos produtos face à constante procura de novos mercados.

A situação de obsoletos equipamentos está, por sua vez, ligada à existência de unidades que, por questões financeiras, não puderam (ou não souberam) acompanhar a evolução tecnológica.

Ha, por outro lado, que ter em conta que a quase totalidade da tecnologia é importada e acarreta problemas graves a algumas empresas a nível de assistência técnica, e isto para não falarmos de que nem sempre se encontra ajustada as escalas de produção, isto é, tornarem-se de uma capacidade produtiva que ultrapassa largamente as necessidades (com o conseqüente acumular de «stocks») e à própria actualização que se impõe.

Segundo um estudo elaborado e compilado por Lucília de Jesus Caetano e editado pela Comissão de Coordenação da Região Centro sob o título «A Indústria no Distrito de Aveiro», e relativamente à problemática da integração europeia e suas conseqüências para as indústrias da região, em 1978 mais de 40 por cento dos empresários não se pronunciavam por «falta de esclarecimento» e dos restantes, cerca de 39 por cento, especialmente nos sectores das indústrias de produtos metálicos afirmavam «temer a concorrência dos produtos da CEE» e apenas 21 por cento esperava «poder vir a beneficiar com a adesão». O mesmo estudo indica que em 1983 a percentagem de industriais que alegavam falta de esclarecimento baixara para os 34 por cento ao mesmo tempo que aumentava o número daqueles que não temiam a adesão.

Eram, então, os empresários ligados as indústrias de fundição de metais, de produção de artigos metálicos ou de veículos de duas rodas os que denotavam maior interesse no esclarecimento das condições e implicações económicas da adesão.

Verifica-se, entretanto, um caso inverso nos empresários do barro vermelho e dos cimentos para a construção, havendo aqui o temor pela possibilidade de instalação no País de unidades produtoras com tecnologia avançada que poderao constituir-se em sérias concorrentes até com novos produtos, já que é de todos conhecido o tradicionalismo de processos do sector da construção civil e obras públicas, a maior parte já em desuso nos países da CEE.

ÁREAS DE OCUPAÇÃO: TENDÊNCIA PARA ALARGAR

No concelho de Águeda predominam unidades industriais com áreas entre os 1.000 e os 1.999 metros quadrados e os de área superior a 6.000 metros quadrados (ver quadro 1), que representam, respectivamente 25% e 24% das unidades industriais instaladas, das instalações localizadas junto

a E.N. 1, no troço que compreende o concelho de Águeda.

E ainda significativo o número de fabricas com area inferior aos 1.000 m² (17%). Daqui resultou que, por exiguidade das instalações houve já casos de construções de novas fábricas noutros locais.

Ainda no que se refere às superfícies ocupadas pelo edificio fabril e parques de armazenamento, estas dependem da especificidade da produção, mas também da dimensão económica da empresa e do grau de tecnologia utilizada.

INDÚSTRIAS	EMPRESAS COM MAIS DE 5 TRABALHADORES AO SERVIÇO			
	EM NOME INDIVIDUAL	SOCIEDADES POR QUOTAS	SOCIEDADES ANÓNIMAS	SOCIEDADES COOPERATIVAS
Alimentação e Bebidas	1	8	2	-
Têxteis e Vestuário	3	15	-	-
Madeira	7	28	-	-
Papel e Artes Gráficas	3	11	-	-
Químicas	-	11	1	-
Minerais não Metálicos	3	35	2	-
Metalurgia de Base	2	13	-	-
Produtos Metálicos	21	156	2	1
TOTAL	40	277	7	1

INDÚSTRIAS	EMPRESAS			
	EM NOME INDIVIDUAL	SOCIEDADES POR QUOTAS	SOCIEDADES ANÓNIMAS	SOCIEDADES COOPERATIVAS
Bebidas	-	3	-	-
Têxteis e Vestuário	-	7	-	-
Madeira	1	5	-	-
Papel e Artes Gráficas	-	3	-	-
Químicas	-	3	1	-
Minerais não Metálicos	2	20	2	-
Metalurgia de Base	1	2	-	-
Produtos Metálicos	4	55	2	1
TOTAL	8	98	5	1

EMPRESAS INDUSTRIAIS SEGUNDO A FORMA JURÍDICA
Área marginal da Estrada Nacional N.º 1, troço compreendido no concelho de Águeda (1982)

TOME A INICIATIVA

Apresente o seu projecto de investimento

Para criar a sua Empresa
Para a ampliar
Para a modernizar

Faça do seu projecto uma realidade

Recursos financeiros de medio e longo prazo
Sem risco cambial e com
Benificações mais favoráveis.

No Fundo EFTA para o Desenvolvimento Industrial de Portugal



O FUNDO EFTA RESPONDE.



 Banco de Fomento Nacional



ICEP: O PERFIL PRIVADO DE UM INSTITUTO PÚBLICO

O Instituto do Comércio Externo de Portugal está consigo. Na promoção e divulgação dos seus produtos. Na prospecção de mercados externos. Com o dinamismo e o estímulo próprios de um instituto público que exporta, para todo o mundo, a boa imagem dos produtos nacionais.

O ICEP responde. Informa. Assiste. Abre portas. Promove. Divulga. Dinamiza. Cá. E lá. Onde os seus produtos competem. E têm que ganhar. O ICEP é o trampolim. Um Instituto público com perfil privado.

NOME _____
 MORADA _____

 ACTIVIDADE _____
 DESEJO RECEBER INFORMAÇÕES SOBRE _____

Recorte, preencha e mande. Vem a rapidez da resposta



ICEP
INSTITUTO DO COMÉRCIO EXTERNO DE PORTUGAL

«Nas empresas de ferragens fabrica-se um leque excessivamente grande de produtos»

Ao abrigo do acordo de cooperação existente entre os Governos de Portugal e da Alemanha Federal, a Associação Industrial de Águeda, há cerca de dois anos, passou a contar nos seus quadros com um consultor alemão, Konrad Rodrigo de seu nome, um técnico que, pela sua experiência e pelo seu profundo conhecimento do meio industrial, veio contribuir decisivamente para uma melhoria significativa nos serviços prestados pelo organismo associativo às indústrias da região suas associadas.

O Eng. Konrad Rodrigo, falou-nos sobre o sector de ferragens, dos seus problemas e perspectivas futuras, começando por referir: «o sector de ferragens em Portugal tem alguns problemas estruturais. Porém, o problema profundo prende-se com o facto de que, na maior parte das empresas ferrageiras, fabrica-se um leque de produtos excessivamente grande, não havendo, por isso, uma especialização. A maioria das empresas faz de tudo, implicando que as séries de produção sejam muito pequenas».

Continuando, Konrad Rodrigo dizia: «outro aspecto de grande importância consiste na inexistência de evolução dos produtos fabricados. Há muitas empresas que praticamente, não têm desenvolvido os produtos que fabricam há já muito tempo. E, se, porventura, iniciam a produção de um novo artigo, este existe já no exterior».

«De salientar ainda que as empresas portuguesas do sector de ferragens são, por exemplo, em comparação com as empresas do sector na Alemanha Federal, muito pequenas. Na RFA, o número médio de trabalhadores por empresa cifra-se em 185».

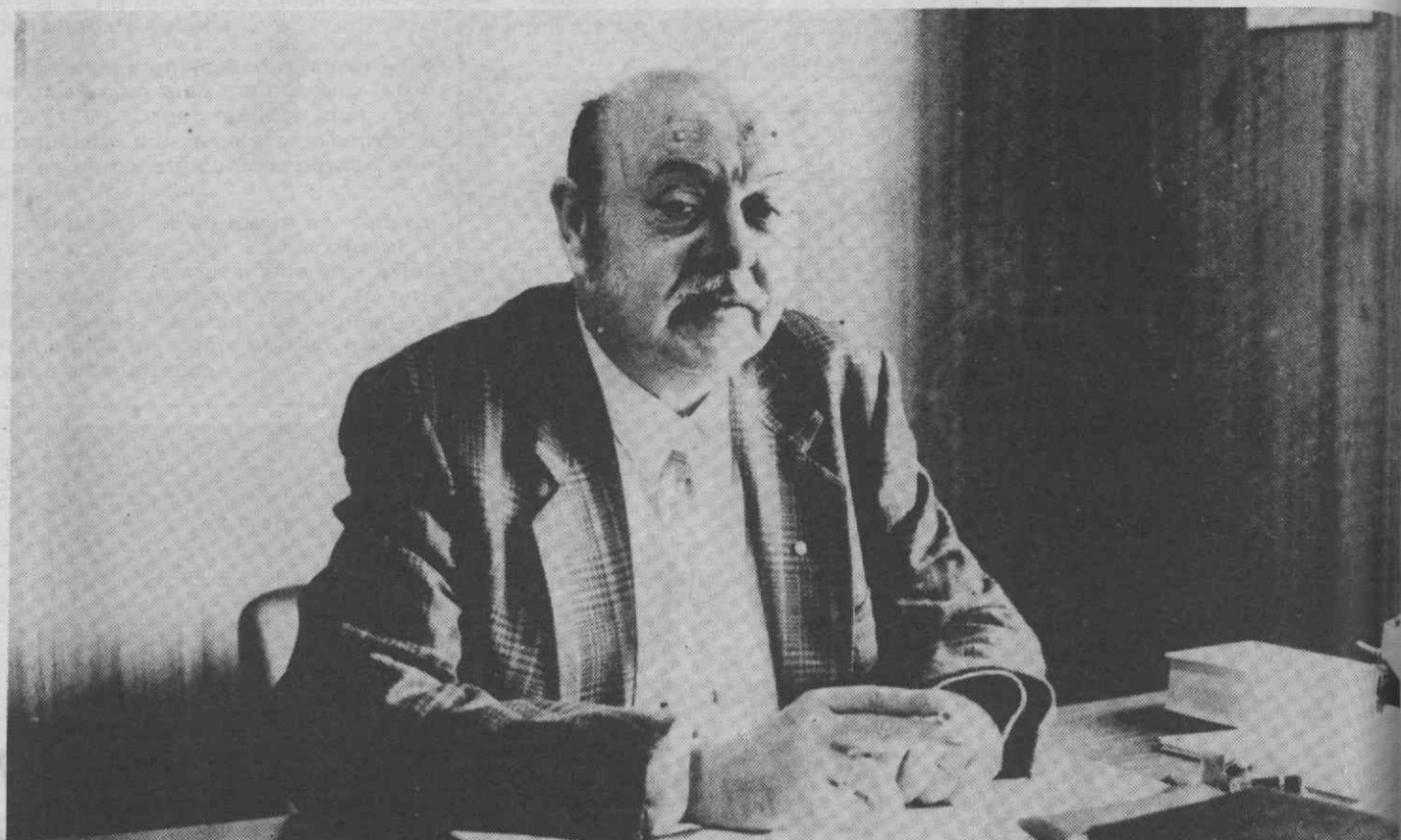
FORMAR GRUPOS DE FÁBRICAS

De seguida, a integração na CEE e as suas consequências para a indústria de ferragens, foi o tema abordado por Konrad Rodrigo: «as empresas portuguesas devem contar com a concorrência de países europeus, principalmente da Itália, e, a médio prazo, da Espanha. Importa referir que, em Espanha, existem diversas empresas de grande importância que têm participação multinacional, nomeadamente, alemã e norte-americana. Estas empresas têm certas vantagens, uma vez que recebem fácil e constantemente tecnologia das empresas estrangeiras suas associadas e, por outro lado, têm também fácil acesso a inovação dos seus produtos».

O que é necessário fazer? Konrad Rodrigo respondeu prontamente: «as empresas portuguesas, ainda que não gostem, vão ser obrigadas, no futuro, a formar grupos de várias fábricas, nos quais, cada uma dessas fábricas especializar-se-ia e limitar-se-ia a produção de determinados produtos. Desta forma, o problema das séries de produção muito pequenas seria resolvido e, consequentemente, começaria a ser rentável a introdução de novas tecnologias».

«FERREX» PROPORCIONARÁ CONTACTOS INTERESSANTES

O consultor alemão, prosseguindo, teceu algumas considerações sobre a «Ferrex»: «a «Ferrex» pode



«As empresas de ferragens são muito pequenas. Na RFA há, em média, 185 trabalhadores por empresa.»

contribuir para que seja dada resposta à necessidade da formação de grupos de fábricas. Durante o certame, os empresários que entendem esta situação, terão a possibilidade de estabelecer contactos com outros empresários». Mais adiante: «Por outro lado, a «Ferrex», será visitada por agentes económicos de diversos países, proporcionando às empresas expositoras contactos interessantes com potenciais clientes estrangeiros».

Porém, segundo Konrad Rodrigo,

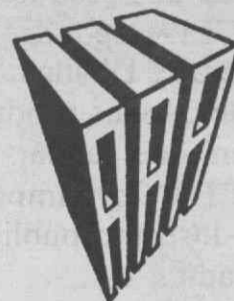
e ainda no que respeita a visitantes estrangeiros, novas perspectivas para o sector podem ser abertas: «Será interessante referir que a «Ferrex» poderá ser visitada não só por importadores como também por fabricantes de ferragens estrangeiros. Para eles, essa visita pode ser muito interessante, uma vez que contactarão com os empresários portugueses visando o completamento do seu leque de produtos». Pormenorizando: «alguns fabricantes, em diversos países europeus, têm um pro-

grama próprio de produção. Este programa pode ser completado pela eventual aquisição de produtos provenientes de Portugal, cuja fabricação própria não terá interesse, pois, muitas vezes, quando as séries não são suficientemente grandes, é preferível comprar a outras empresas, obtendo benefícios pela melhor utilização da sua organização de vendas e, por outro lado, abstenendo-se da realização de novos investimentos e do aumento do número de trabalhadores».



REBITES
PARAFUSOS
TREFILARIA

Indústrias Metálicas



3 Marcos, Lda.

Telefs. 623422/621455/622024 — Telex 37138 TREMAR P — VALE DO GROU — 3750 ÁGUEDA

ÁGUEDA MERECE MELHOR...



AR COMPRIMIDO • COMPRESSORES
TRATAMENTO DE AR • EQUIPAM. DE PINTURA
FERRAMENTAS PNEUMÁTICAS • AUTOMAÇÃO



ÓLEOS
LUBRIFICANTES



GASES • SOLDADURA • CORTE



MATERIAL DE DETECÇÃO E COMBATE
A INCÊNDIOS • EXTINTORES

- MÁQUINAS FERRAMENTA • MÁQUINAS ESPECIAIS
- FERRAMENTAS DE CORTE • ELEMENTOS NORMALIZADOS
- ACESSÓRIOS INDUSTRIAIS • ABRASIVOS • ESCOVAS DE ARAME • AGRAFAGEM INDUSTRIAL • PROTECÇÃO INDUSTRIAL



Distribuidores:

ARIAR — EQUIPAMENTOS PNEUMÁTICOS, LDA.

PRESENTE NA EXPOÁGUEDA/87

Av. Dr. Eugénio Ribeiro, 85 — Apartado 17
Telef. (034) 623994 — 3751 ÁGUEDA Codex
Telex 37103 ARIAR P — PORTUGAL

Eng.º Florindo Cura, empresário aguedense

Um programa de acção para resolver o problema da poluição industrial

O surto de desenvolvimento industrial que atingiu a região de Agueda nos últimos anos, provocando um significativo crescimento económico, trouxe também alguns problemas, dos quais se salienta, pelos seus efeitos nocivos, o problema da poluição hídrica.

Um empresário aguedense, Florindo Cura de seu nome, tem vindo, nos últimos anos, a preocupar-se com a poluição industrial que se regista na região de Agueda, e aponta soluções concretas que, em sua opinião, poderiam evitar que, conforme as suas palavras, «os industriais, amanhã, sejam rotulados de «assassinos» da sua terra».

O Eng. Florindo Cura deu-nos a conhecer um estudo por ele efec-

tuado em 1984, estudo que pretende constituir um «programa de acção» para colmatar o grave problema da poluição provocada pelas muitas unidades industriais existentes na zona de Agueda.

«Os problemas da poluição industrial estão, em toda a parte, a ser resolvidos pelas empresas ou entidades poluidoras, coagidas por legislação estatal que a tal as obriga, a par de promover e incentivar o estabelecimento de empresas de propriedade privada ou cooperativa para o tratamento colectivo dos resíduos industriais, visando possibilitar a existência competitiva das unidades de pequena dimensão».

TRIBUTAÇÃO PROPORCIONAL À POLUIÇÃO PROVOCADA

E quais as linhas de actuação a adoptar? Florindo Cura adianta: «numa primeira fase de actuação, e a fim de realizar meios monetários que permitam a implantação do processo, as indústrias poluidoras seriam tributadas proporcionalmente à poluição que provocam, isto por especialidades de poluição a tratar, cujos custos de base seriam definidos em função do que de estimar para os respectivos tratamentos».

Continuando: «os meios monetários realizados, sucessivamente, pelo Estado, mais os que empreste a título temporário, seriam prioritariamente postos à disposição das firmas que,

por regiões, se associem para o tratamento colectivo e específico dos seus resíduos, bem como em valores proporcionais, individualmente, às empresas que, pela sua dimensão, julgassem vantajoso montar instalações de tratamento próprio. Na ausência de motivação dos industriais para actividades, por conta própria, do tratamento dos seus resíduos, seriam os meios monetários realizados pela tributação, facultados a entidades privadas que se propusessem montar indústrias com essa finalidade, isto mediante condições a acordar com a entidade estatal da região. A legislação a instituir teria de ser a do Conselho da Europa para os países membros».

GOVERNO TERIA DE IMPLANTAR UNIDADES PILOTO

Florindo Cura, depois de referir os tipos de actividades poluidoras das

(Cont. na página seguinte)



O Rio Águeda tem sido vítima do efeito poluidor dos resíduos industriais.

Direcção-Geral da Indústria quer desenvolver projecto de utilização de «tecnologias limpas»

A Direcção-Geral da Indústria, em ofício enviado ao eng. Florindo Cura, depois de considerar «extremamente gratificante verificar o interesse e a disponibilidade demonstrada» pelo empresário aguedense na procura de soluções para o problema da poluição hídrica na zona de Agueda, adianta que o programa de acção proposto por Florindo Cura, «constitui uma excelente base de trabalho na definição dos principais problemas de poluição industrial que se verificam no concelho».

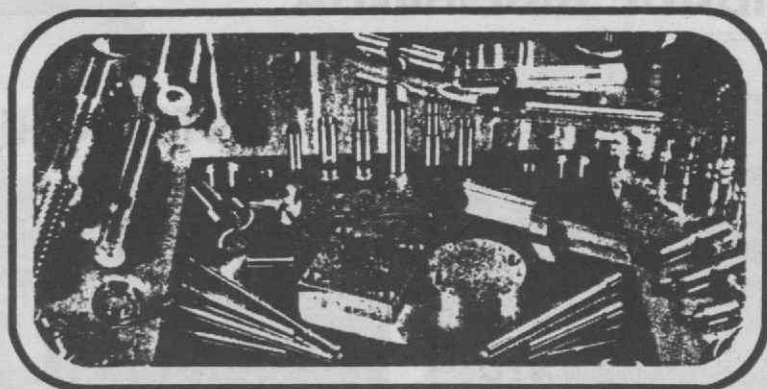
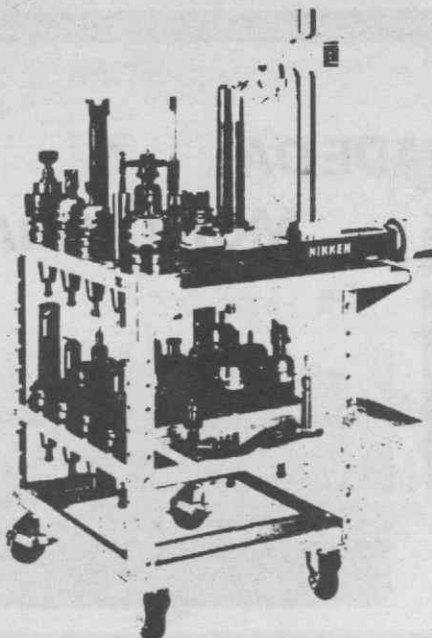
Quanto a proposta concreta de solução para o caso das indústrias de galvanoplastia, da qual Florindo Cura nos deu conta, a Direcção Geral da Indústria opina que são de destacar «as soluções que, contrariamente à metodologia clássica de redução da poluição por meio de tratamento dos efluentes no final da cadeia de produção, optam por uma via preventiva, conseguindo, assim, simultaneamente, uma melhoria do rendimento do processo (por diminuição do consumo de matérias-primas, energia, etc.), e uma redução das quantidades de poluentes rejeitados para o exterior». De referir que estas soluções são designadas, vulgarmente, por «tecnologias limpas».

Segundo a Direcção-Geral da Indústria, estas «tecnologias limpas», «pelas evidentes vantagens económicas que apresentam para as empresas e para o país, merecem um particular interesse», interesse que poderá levar, como se pode ler na missiva da DGI, ao desenvolvimento, ainda em 1987, de um projecto de actividades com vista à promoção da utilização daquelas tecnologias pela indústria.

A DGI anuncia ainda que, na primeira fase deste projecto, um dos sectores escolhidos foi precisamente o das indústrias de tratamento de superfícies (onde englobam as galvanoplastias), sendo, deste modo, possível prever que Agueda poderá ver concretizadas, a curto prazo, as propostas apresentadas pelo empresário Florindo Cura.

FERNOORMA

COMÉRCIO DE FERRAMENTAS NORMALIZADAS, SARL



SEDE: RUA D. JOÃO V. 25-C — TELEF. 690087 (PPCA 6 LINHAS) • TELEX 12821 FERNMA

1296 LISBOA CODEX PORTUGAL

FILIAIS: RUA INFANTE D. HENRIQUE, 2 — TELEF. 54258 • TELEX 43985 FERMG
2430 MARINHA GRANDE
R. EZEQUIEL DE CAMPOS, 395 — Tels. 673976/672991 • TELEX 28031 FERNOR
4100 PORTO

Um programa de acção para resolver o problema da poluição industrial

(Da pág. anterior)

bacias dos rios Agueda, Certima e Marnel, e, ainda, da Pateira, aponta as acções a desenvolver numa segunda fase: «o Governo teria de promover o estudo e a implantação de uma ou mais unidades piloto, específicas, de tratamento colectivo de resíduos, circunscrita a uma região, a partir o mais delimitada possível, que permitam sem riscos vultuosos servir de análise ao interesse das soluções escolhidas. Posteriormente, essas instalações piloto poderiam ser ampliadas para dimensão que sirva uma região mais ampla e que integre uma cobertura de nível nacional».

O modo como seria amortizado o dispêndio feito pelo Estado na instalação dessas unidades piloto foi o tema abordado, de seguida, pelo empresário: «o dispêndio seria amortizado e pago pelas contribuições sobre os correspondentes produtos poluentes, funcionando a actuação, à semelhança de uma cooperativa de habitação em que a edificação se vai realizando progressivamente e com as contribuições dos associados, embora todo este processo devesse ser acelerado mediante empréstimos feitos pelo Estado, dada a assustadora acção contaminante que certos resíduos industriais têm sobre a água e a vida vegetal e animal, sem possibilidades de efeitos regressivos, sem outra via que a de fugirmos de uma terra de ninguém que destruímos».

UMA PROPOSTA PARA O TRATAMENTO DE RESÍDUOS GALVÂNICOS

O Eng. Florindo Cura avança com uma proposta para o tratamento co-

lectivo dos resíduos galvânicos de instalações de cromagem, zincagem e de niquelagem, (as mais poluidoras), proposta que aponta para a utilização de colunas de resinas iónicas e cationicas: «a utilização de resinas iónicas e cationicas possibilita a purificação e correspondente utilização em circuito fechado das águas de lavagem das instalações galvânicas, bem como a purificação dos respectivos banhos, pelo que estas instalações podem trabalhar sem qualquer necessidade de esgotar águas ou quaisquer outros líquidos poluentes para o meio ambiente exterior».

Prosseguindo: «nas instalações de pequena e média dimensão o tamanho e peso das colunas e interior ao de uma garrafa de gás, até porque se podem montar associadas em série, sendo fácil, quando a resina se satura, a sua substituição por outra regenerada, a fim da coluna com a resina saturada ser enviada à fábrica colectiva de regeneração das colunas, fábrica para onde são levados também os banhos de desengordurar saturados e todas as soluções usadas que tenham de ser destruídas».

Como seria efectuado o tratamento? Segundo Florindo Cura, «da reacção entre soluções ácidas e básicas resultam sais que se precipitam. As águas residuais são seguidamente tratadas e purificadas de modo a poderem ser dejectadas para o exterior com a qualidade regulamentada».

Quanto à instalação necessária, o empresário adianta: «a sequência do tratamento colectivo, possibilita a fabricação estandarizada das colunas, que são comuns para as resinas iónicas e cationicas, bem como a fabricação das bombas de movimenta-

ção dos líquidos e dos resistivímetros. O tubo de plástico necessário e os outros acessórios existem de fabrico nacional. Haveria somente que importar as resinas e a informação tecnológica relativa às suas aplicações específicas, o que não será difícil de conseguir se esta actuação de montagem e tratamento colectivo dos resíduos for efectuada por uma entidade única, constituída por uma cooperativa dos industriais poluidores, com cotas e responsabilidades proporcionais aos consumos poluentes». E, ainda: «a idoneidade não poluente das fábricas de cromo e zinco seria assim totalmente assegurada, sem o trabalho de se ter de recorrer a fiscalizações de actuação, pois trabalhariam sem necessidade de dejectarem para o exterior, e por processos de purificação das águas de lavagem e dos banhos que lhes proporcionarão a melhor qualidade de trabalho e mesmo de preços de custo».

NÃO É COM CANALIZAÇÕES QUE SE RESOLVE O PROBLEMA DA POLUIÇÃO

Como é do conhecimento publico, foi elaborado um projecto para a instalação de uma estação de tratamento piloto na zona do Brejo. Florindo Cura não concorda com o modo como esse tratamento seria realizado: «a comparticipação recebida do Ministério da Indústria e Energia pela AIA foi gasta a pedir projectos de resolução do problema da poluição, projectos que, se levados avante, constituirão soluções híbridas, sem nada a haver com aquilo que se faz

noutros países. Quanto a mim, essa verba deveria ser utilizada para uma deslocação ao estrangeiro no sentido de aí se ajuizar das instalações que tratam os resíduos industriais. Depois, seria limitarmo-nos a copiar, em conformidade com aquilo que fosse mais adequado para o nosso problema. Aliás, é assim, muitas vezes, que nós fazemos para resolver outros problemas».

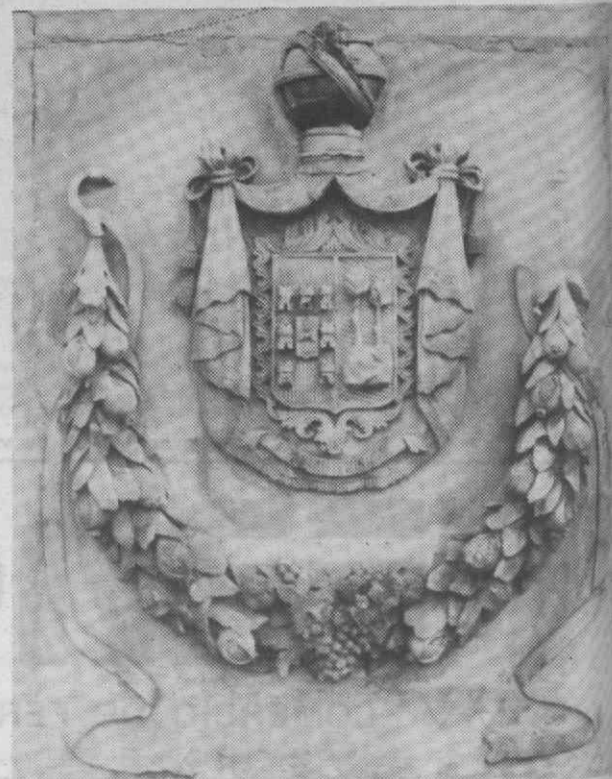
Mais adiante: «Não é com canos que transportem os resíduos de cada fábrica para a estação de tratamento piloto que se resolveriam os problemas da poluição. Resolvem-se com soluções de purificação dos banhos e com o seu transporte para unidades colectivas de tratamento».

VAMOS ACTUAR COMO SERES PREVIDENTES?

A finalizar, Florindo Cura diz: «amanhã, quando morrermos, seremos rotulados como os maiores assassinos» da nossa terra. Somos mais estúpidos em gastar dinheiro em Rolls Royces do que em acatarmos o problema da poluição».

«Vamos nós ficar entregues a uma vida vegetativa, de seres inferiores dados a fatalidade do meio, tal como os peixes dos nossos rios, deixando-nos matar porque envenenamos a água, os vegetais e os próprios peixes? Ou vamos actuar como seres providentes, seres capazes de verem a morte a sua frente, seres capazes de se disciplinarem nas actuações e se necessário, se pouparem ao superfluo para realizarem meios que nos defendam destas e de tantas outras situações criminosamente chocantes?»

ÁGUEDA

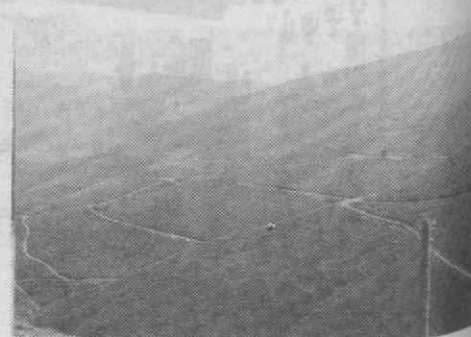


DA LITORALIDADE RIBEIRINHA

À

INTERIORIDADE DA

MONTANHA



O Instituto de Emprego e Formação Profissional presente na Expoágueda/87

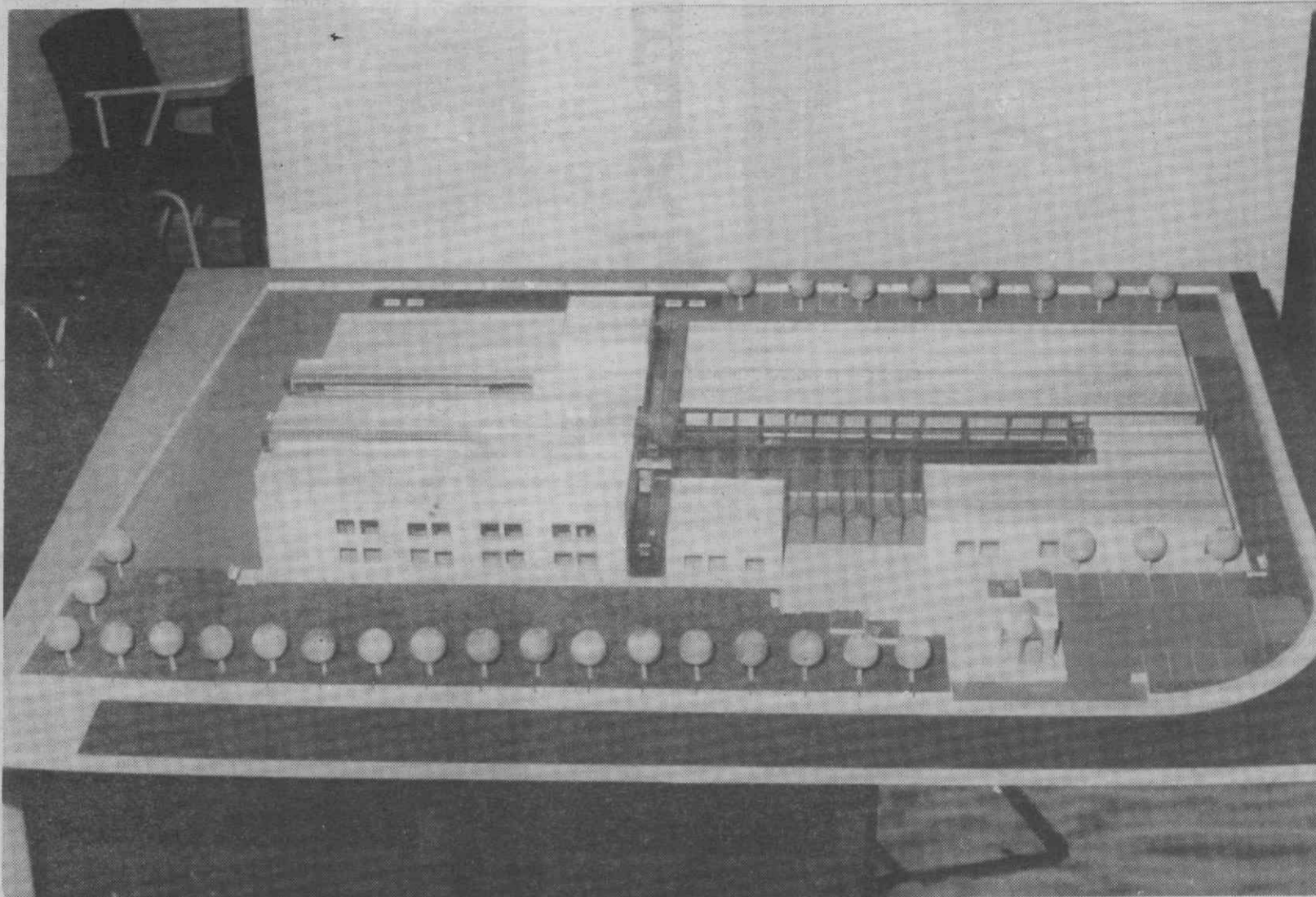
O Instituto de Emprego e Formação Profissional, IEFP, tem vindo, nos últimos anos, a demonstrar uma atenção especial à região de Águeda, atenção justificada pelo extraordinário surto de desenvolvimento económico de que tem sido palco essa região.

Aquele organismo estatal, evidencia bem essa sua especial atenção, pelo programa de actividades que, em colaboração com a Associação Industrial de Águeda, irá desenvolver no âmbito da Expoágueda-Ferrex/87.

Assim, no dia 26, o IEFP, em sessão informativa, vai difundir os dois novos instrumentos que, em 1988, estarão à disposição, em Águeda, de empregadores e de candidatos a emprego, o Centro de Formação Profissional, em fase de construção na Alagoa, e o Centro de Emprego.

Esta sessão informativa, que será orientada por responsáveis da Delegação Regional do Centro do IEFP, terá início pelas 17.30 horas, no auditório da Expoágueda. Nela serão abordados o enquadramento orgânico e institucional do IEFP, os programas de apoio na área do emprego e, ainda, os apoios à formação profissional.

A anteceder esta sessão informativa, serão visitadas as obras do Centro de Formação Profissional de Águeda, obras que se encontram já em fase de significativo adiantamento.



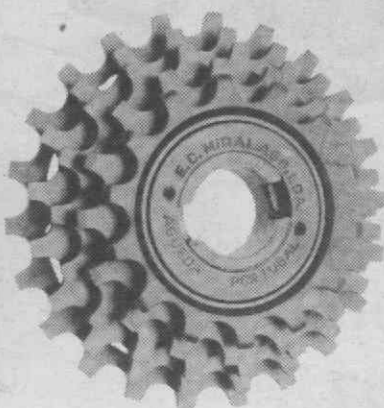
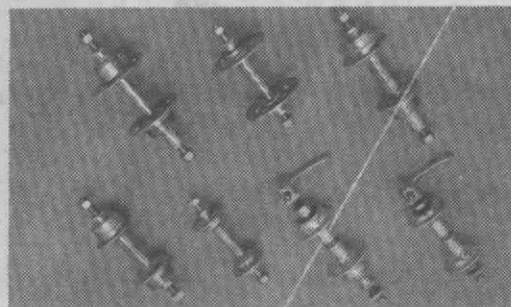
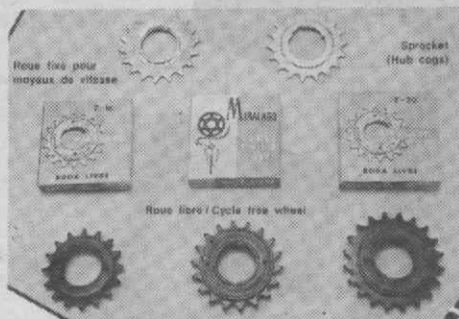
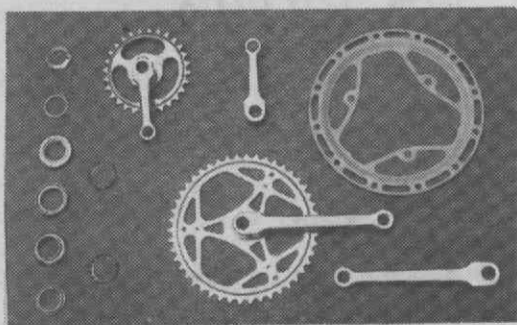
A maquete do Centro de Formação Profissional de Águeda, cuja construção deverá ser concluída em 1988.

MIRALAGO



Empresa Ciclista MIRALAGO, LDA.

Apartado 30
3751 ÁGUEDA Codex
Telefones 622235/622294
Telex 37032 MIRAL P



FÁBRICA DE ACESSÓRIOS

PARA MOTORES, MOTORIZADAS E BICICLETAS

- UMA MARCA
- UMA QUALIDADE
- UM PRODUTO



VENDIDO EM TODO O MUNDO





FERREX 87

programa de colóquios e conferências

DIA 21 — 17 HORAS (Segunda-Feira)

«Aplicação das Modernas Técnicas às PME's»

- Dipl. — Ing. Manfred Kaivers —
- Handwerkskammer Aachen.

DIA 22 — 17 HORAS (Terça-Feira)

«As Relações Comerciais com Marrocos»

- As exportações para Marrocos —
— Eng. Viegas Faria — ICEP
- Análise e perspectivas do comércio
bilateral — Dr. Tawfiq Rkibi — Câmara de
Comércio e Indústria Luso Marroquina.
- Crédito à exportação: modalidades e
procedimentos — BFN
- Mercado da Construção Civil e Obras
Públicas em Marrocos.
— Federação Construção e Obras Públicas
de Marrocos.

DIA 23 — 17 HORAS (Quarta-Feira)

**«O Sector das Ferragens para Mobiliário e
Construção Civil em Portugal»**

- Caracterização geral —
— Dr. Camilo Cruz (APIFER)
- Caracterização económica — BFN
- Perspectivas de exportação — ICEP

DIA 24 — 17 HORAS (Quinta-Feira)

Promovido por F + G — FORMAÇÃO E GESTÃO, SA
com a colaboração de GEOFINANÇA — SOCIEDADE
DE INVESTIMENTOS, SA.

«Mercado de Capitais — Nova Realidade»

- 1 - Importância da estrutura de capitais na
condução das empresas e no seu
desempenho.
- 2 - O mercado de capitais como novo
instrumento de gestão.
- 3 - Condições de acesso das empresas ao
mercado de capitais:
— O que é preciso saber.
— O que é preciso fazer.
— O custo das operações.

Este colóquio será conduzido por um técnico superior
da GEOFINANÇA.

DIA 25 — 17 HORAS (Sexta-Feira)

**«As Técnicas Modernas de Direcção
e Gestão de Empresas»**

- Algumas recomendações sobre
organização de empresas — Eng. Konrad
Rodrigo — AIA
- Elaboração e apresentação de projectos de
investimento — BFN
- Financiamento dos investimentos e
recursos disponíveis — BFN



Em 1986, com a Subcontrata, a AIA deu o primeiro passo na organização de certames especializados.



Fotocomposição e Indústrias Gráficas, SA

- Livros
- Revistas
- Jornais
- Brochuras
- Impressos
- Cartazes
- Envelopes, etc.

**Executamos
todos
os trabalhos
gráficos**

CONSULTE-NOS!

Estrada de Eiras — 3000 COIMBRA
— Telef. 33312 — Telex 52154 FIG P